# PENTAGRAMA

# Tema deste número: O que é filosofia?

No ser humano podem estar presentes sabedoria e compreensão, pois o homem original estava intimamente ligado à onisciência. A faculdade de compreensão do homem tríplice original podia reagir à onisciência – e poderá ser renovada mediante transfiguração. Por isso J. van Rijckenborgh no artigo "Erudição ou verdadeira sabedoria" comprova: "Entre os conceitos saber e sabedoria há uma diferença grande e intransponível. Para o buscador no caminho espiritual é importante reconhecer que a sabedoria divina nunca é o mesmo que conhecimento,

que pode ser obtido através do acúmulo de informações". Os cinco filósofos e pensadores que iremos passar em revista nesta edição, Espinosa, Krishnamurti, Zygmunt Bauman, Wittgenstein e Deleuze, chegaram à conclusão, cada um a seu modo, que o conhecimento não leva à sabedoria. Eles permitem reconhecer que o conhecimento em si não traz a compreensão da vida, que a sabedoria apenas nasce da experiência e que o que mais falta ao homem é o "amor", que pode reconduzir

ao ponto de partida.

### Sumário

- 2 EXPERIÊNCIA E REVELAÇÃO SABEDORIA PELA VIVÊNCIA
- 6 WITTGENSTEIN E A RELIGIÃO
- 11 Krishnamurti, filósofo do espírito
- 17 Buscar Deus é transcender o homem
- 23 ZIGMUNT BAUMAN E O PARADOXO DO AMOR
- 28 SOLIDÃO DA ALMA E DA PERSONALIDADE
- 32 O DRAMATURGO HENRIK IBSEN - PRECURSOR DE UMA NOVA ÉPOCA
- 38 Erudição ou sabedoria verdadeira?

Ano 28 n. 6 Dezembro 2006

Capa: Óleo sobre tela. E. de Keyser, 1989.



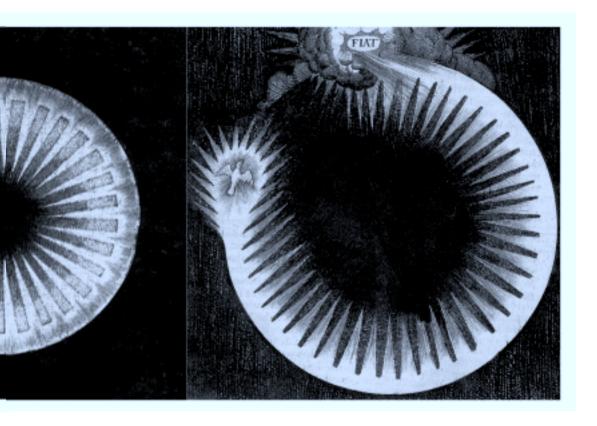
Como complemento da experiência sensorial de seu meio ambiente o ser humano dispõe da capacidade de ordenar e armazenar todas as impressões e reuni-las num "todo" experimentado de modo pessoal. Quando ele dá suficiente atenção a determinado aspecto de sua vida, todas as peças do quebra-cabeça finalmente se encaixam em seu lugar.

Para constituir essa imagem total, que é inevitavelmente subjetiva, a pessoa se serve, evidentemente, tanto de seus sentimentos como de sua inteligência. A imagem total somente atinge seu objetivo quando, além de um inventário do mundo exterior, a pessoa consegue captar também as relações subjacentes e suas leis efetivas. A necessidade de conhecer o mundo, de penetrálo e de ordená-lo, tem como raiz a luta pela existência e a tendência de querer prolongar a vida pelo maior tempo possível. As reflexões sobre o sentido de nossa presença neste mudo estão ligadas a uma segunda necessidade: o impulso de querer decifrar o "misté-

rio da vida". Existem as questões: "Como surgiu o mundo?", "Será que ele oculta um objetivo superior?", "Qual é a posição dos seres humanos neste mundo, e quais são os seus deveres?"

Do ponto de vista histórico as pesquisas científicas fundamentais justificam-se pelo fato de perscrutar os fundamentos da criação. Segundo Robert Fludd (1574-1637), cientista do século XVII, o impulso de pesquisar e sondar as "obras maravilhosas de Deus" era claramente a base de todos os esforços científicos. O Criador é, evidentemente, a *causa primeva*.

Também na pesquisa científica a base é o organismo sensorial natural,



porém o cientista vai um passo além. As ciências naturais devem seu sucesso, em grande parte, à expansão do organismo sensorial. É possível, por exemplo, servir-se dos fenômenos elétricos para registrar as batidas do coração num eletrocardiograma. Até mesmo a confiabilidade dos boletins meteorológicos diários deve-se à interpretação de inúmeros aparelhos de medida de que os meteorologistas dispõem hoje em dia. A divisa dos físicos é: "Medir é saber".

Mas, cada vez mais, parece que a vida não se deixa "medir" facilmente. Os pragmáticos afirmam, também, que é preciso dar preferência à pesquisa científica aplicada, deixando em segundo plano a pesquisa fundamental. E isso faz que ela seja colocada a serviço da luta pela vida, pela preservação do indivíduo e da coletividade. Somas enormes são destinadas às pesquisas médicas e farmacêuticas, às

novas energias, às telecomunicações e aos transportes. Somente na astronomia e nas viagens espaciais pode-se ainda verificar que a satisfação da "curiosidade" é mais importante que o uso imediato. Refletir sobre os fundamentos da criação é tarefa relegada aos filósofos. Para muitos cientistas de orientação técnica "hard", a filosofia continua "soft". Além disso, como a filosofia se mantém sempre a mesma, ela sempre está se repetindo com citações de Sócrates ou de Platão em notas ao pé da página! Por isso denomina-se a pesquisa de "fundamental" se ela não pode ser utilizada de maneira imediata. E supõe-se que ela crie os fundamentos para inovações futuras. Entre elas, é citada, também, a pesquisa sobre os fundamentos pluridimensionais da criação. Esses pensadores modernos, que fazem a ligação entre diversas disciplinas científicas, perscrutam os pró-

Centro: Da fonte inesgotável de luz nasce a criação.

À direita: Fiat lux – faça-se luz. A pomba simboliza o Espírito de Deus, princípioguia de todo desenvolvimento. Robert Fludd, *Utriusque Cosmi...*[etc.]
Oppenheim, 1617.

prios princípios da existência que, para eles, não são obrigatoriamente materiais. Livros como o de Bill Bryson – Uma breve história de quase tudo¹ – e o filme de William Arntz – Quem somos nós? – nos dão uma imagem fascinante a respeito desse assunto.

### O PENSAMENTO PRODUTIVO

A realidade comum parece ser um pouco mais conservadora. Ninguém é tão ingênuo a ponto de achar que a ciência só trouxe melhorias. Se tudo pode ir cada vez mais depressa, então, temos também de ir cada vez mais depressa! Hoje, a produtividade por habitante é a medida da civilização. Mas estamos falando do lado material da vida, do registro do "lucro". Ora, em uma sociedade em que o homem e a mulher trabalham, está havendo cada vez menos tempo para os contatos sociais espontâneos; e as crianças de tenra idade estão inseridas em um modelo rígido, ao mesmo tempo em que vão sendo cada vez mais largadas em lugares fora de suas casas, abandonadas nesses locais, e depois mandadas de volta para seus lares.

"Vivemos para produzir. A abordagem produtiva é a melhor. A escola é uma empresa produtiva que fornece o ensino; a clínica é a empresa que tem o trabalho de curar. O estudante consciente escolhe seus estudos em função das especificidades da produção; o paciente escolhe sua clínica em seu país ou no estrangeiro." Mas o que, sem dúvida, começou com a arte de não perecer pela penúria, agora parece ter se transformado na arte de não perecer pelo excesso.

Se no passado o homem se entediava pela falta de estímulos de seu meio ambiente, hoje ele deve se defender contra a avalanche de informações que exigem sua atenção, sobretudo se ele se utiliza das mídias modernas.

De modo paradoxal, mais informação não leva necessariamente a uma visão de mundo mais completa ou mais profunda – e o resultado óbvio é o caos mental. Para conservar uma visão geral, as pessoas devem isolar-se do assédio de informações de maneira seletiva e não rigorosa.

### Perceber com os olhos do coração

Possuímos critérios para selecionar as informações? Quais são os critérios que a informação deve seguir para ter alguma penetração? O critério da experiência? Assim, não poderá acontecer de deixarmos passar apenas as "informações conhecidas"?

Quanto à luta pela vida, a experiência pode ser o melhor mestre, mas a solução do mistério da vida já não é acessível a ela. Não seria exatamente o reconhecimento das falhas da experiência que poderia nos levar a ver esse mistério de outras maneiras, de modos completamente diferentes? E, assim, essas novas maneiras de ver esse assunto não poderiam nos abrir para revelações que substituiriam as experiências?

A "revelação" toma o lugar da informação: geralmente é um "aviso" que não podemos nem verificar nem medir com nossas faculdades naturais. Sob essa classificação podemos indicar o Apocalipse de João, as revelações de Hermes Trismegisto provindas das antigas tradições egípcias, mas também os ensinamentos de Pitágoras e de Platão, as visões de Jacob Boehme, os conceitos de Paracelso. Todas essas obras dão testemunho de uma realidade "metafísica" e "suprasensorial". Elas nos estimulam a apren-

der a "perceber com os olhos do coração". "Dirige agora o teu coração para a luz e conhece-a", recomenda Pimandro a Hermes. Dirigir o coração para a luz... No coração do ser humano está um ponto por meio do qual o contato com o mundo supra-sensorial pode ser realizado. E esse mundo com o qual temos tanta intimidade por meio de nossos sentidos não passa de uma farsa, de um artifício, um engodo – assim testemunham os grandes mestres do mundo. E mais ainda: aqui tudo é cambiante e efêmero.

No coração habita a "centelha da alma": uma centelha do espírito divino, uma chama da luz – aquela que os Filhos originais de Deus possuem. E é essa centelha de luz que pode se tornar um órgão sensorial para a vida supra-sensorial. Antes de vivenciarmos o supra-sensorial de primeira mão, portanto antes de ver "face a face", a atividade da centelha de luz permite perceber a justeza das revelações.

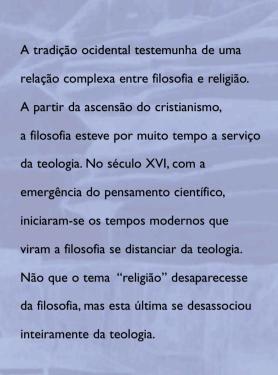
### A verdadeira fé

Podemos vivenciar essa atividade na felicidade que emana da leitura do *Tao Te King* de Lao Tsé. Por mais paradoxal que essa obra clássica possa parecer para a razão, ela nos faz ouvir dentro de nós uma voz que logo associamos à Sabedoria Universal – e, assim, continuamos a ler, fascinados.

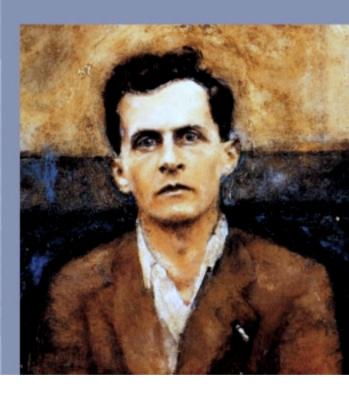
A verdadeira fé baseia-se na presença ativa da centelha de luz e provém do mais profundo de nosso ser. Quem recebe uma revelação e a reconhece interiormente liberta-se de todas as autoridades. Podemos afirmar que, embora a experiência permita concluir que o mundo dos sentidos dá vida a inúmeras interpretações, ele jamais poderá levar a uma interpretação real e definitiva.

O caminho das experiências pode levar o ser humano a se tornar desgastado e esgotado espiritualmente, ou maduro e aberto. No último caso, permanece ativo um anseio interior. Quando verificamos, por fim, que todas as coisas neste mundo continuam se repetindo infinitamente e que elas devem ter mais sentido do que aparentam, é possível que escolhamos, com espontaneidade e avidez para aprender, um caminho, que marca o início de um adeus definitivo às experiências meramente sensoriais. Esse caminho encerra a libertação da roda do nascimento da vida e da morte, tal como Buda a denomina. Pode ser que nos tornemos um aluno e, como Hermes, invoquemos Pimandro: "Desejo ser instruído a respeito das coisas essenciais, compreender sua natureza e conhecer Deus. Oh, quanto eu desejo entender!" E Pimandro responde: "Fixa em tua consciência o que queres aprender e eu te instruirei". E Hermes continua: "Com essas palavras, o seu aspecto mudou e logo a seguir tudo se tornou imediatamente claro para mim; tive uma visão prodigiosa; tudo se transformou numa serena e deleitosa luz, e eu me alegrava sobremaneira com a sua visão". 2

- 1 Bryson, B., *Uma breve historia de quase tudo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- 2 Rijckenborgh, J. van, *A Gnosis original egípcia*, t. 1, cap. IV, Jarinu: Editora Rosacruz, 2006.



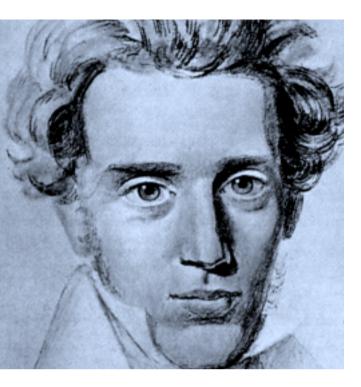
## WITTGENSTEIN E A RELIGIÃO



O problema mais importante já não era a revelação religiosa, mas o lugar da religião dentro de uma concepção de mundo geral e racional. No início da era cristã e durante a Idade Média, filosofia e teologia estavam estreitamente ligadas, e a revelação tinha o domínio sobre a razão. Nos tempos

modernos, esses dois assuntos se separaram e cada um adotou uma forma própria de responder a essas duas questões: a revelação e a razão.

No século XVII, Blaise Pascal tornou-se célebre, entre outras coisas, pela distinção que estabeleceu entre "o deus dos filóso-



fos", conceito que tinha por objeto o raciocínio, e "o deus pessoal", aceito pela religião. Pascal constatou que essas duas noções seguem caminhos radicalmente diferentes: a razão e a revelação.

Nos séculos seguintes essa distinção tornou-se mais precisa. Certos filósofos não aprovavam a necessidade de dar à religião um lugar em sua concepção de Universo; para outros, ela era uma seqüência lógica do pensamento científico e de seus avanços. Outros ainda se lançaram em polêmicas. Um exemplo famoso foi Nietzsche, que proclamou: "Deus está morto". Disso tudo resultou que atualmente o conceito de deus e a experiência da fé permanecem à margem dos sistemas filosóficos.

Nessas circunstâncias não se poderia esperar encontrar o tema religião em primeiro plano na obra de um dos mais famosos filósofos do século passado, Ludwig Wittgenstein. Esse filósofo é, sobretudo, conhecido pelos seus trabalhos no âmbito da lógica formal e da filosofia da linguagem. Ele é considerado um aliado importante pelos lógicos positivistas, reputados por sua rejeição a toda experiência que vá

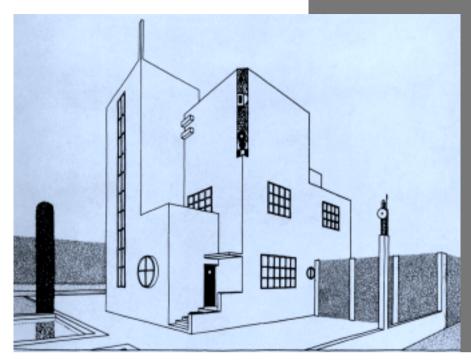
além dos sentidos comuns e por sua abordagem científico-materialista. As duas obras maiores de Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus* e *Philosofische untersuchungen*, aparentemente não dissertam senão sobre a lógica, a linguagem, o conhecimento, as matemáticas e outras matérias similares. Então por que falar sobre ele e a religião? Vejamos de maneira sumária sua vida.

Ludwig Wittgenstein nasceu em Viena em 1889, sendo o oitavo e último filho de Leopoldine Kalmus e Karl Wittgenstein, um dos mais prósperos industriais da monarquia austro-húngara, pertencente a uma família que desempenhou grande papel na vida cultural vienense. Tanto a família Wittgenstein como a família Ludwig eram de confissão judia, mas no século XIX eles se identificaram com o cristianismo e a ele se converteram. O jovem rapaz recebeu uma educação correspondente à sua época e à sua condição, incluindo a instrução religiosa. Contudo, a família Wittgenstein não era praticante, e Ludwig logo se afastou da fé oficial.

"Oficial" é uma palavra-chave nesse acontecimento. Durante toda a sua vida Wittgenstein deu provas de princípios morais muito firmes e sempre lutou com o problema de saber o que a religião deveria e poderia ser ou não ser. Bertrand Russel, seu professor em Cambridge antes da Primeira Guerra Mundial, conta em sua autobiografia que, uma tarde, Wittgenstein fezlhe uma visita e adentrou a sala em silêncio. Quando Russel finalmente perguntou-lhe sobre o que ele pensava, se na lógica ou em

À esquerda: Ludwig Wittgenstein, pintura a óleo segundo uma foto por S. Martin, 1928.

Acima: Retrato de Kierkegaard por seu sobrinho N.C. Kierkegaard. As concepções de Kierkegaard infuenciaram os filósofos do século XX, sobretudo os existencialistas. Segundo ele, nenhum sistema filosófico consegue explicar as experiências interiores únicas do indivíduo.



À esquerda: Wittgenstein estudou aerodinâmica em Berlim e ocupou-se da arquitetura de vanguarda. Projeto de uma cidade para R. Mallet Stevens. 1923.

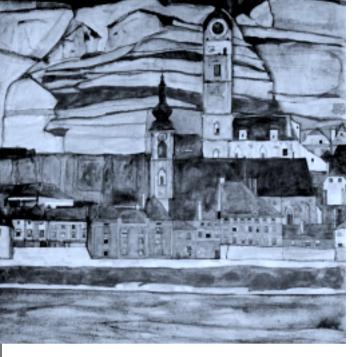
À direita: às margens do Danúbio, próximo de Viena. Para Egon Schiele, contemporâneo e concidadão de Wittgenstein, somente a arte havia conservado "o que restava da cultura nobre". Óleo sobre tela, 1913

seus pecados, Wittgenstein respondeu: "Em ambos", e continuou a caminhar. As experiências durante a guerra, da qual participou como soldado voluntário, influenciaram-no fortemente. Ele leu *Meu pequeno evangelho* de Tolstói e mais tarde confiou a Paul Engelmann que esse livro "lhe salvara a vida". Quando Russel o reencontrou após a guerra de 1919, descreveu-o numa carta a Ottoline Morredle como um "místico" que lê Kierkegaard e Angelus Silésius.

Em seguida, ao longo de sua vida, Wittgenstein se ocupou de religião, porém jamais no contexto de uma igreja oficial, nem com base num ensinamento particular. Alguns de seus alunos se converteram ao catolicismo e mesmo respeitando sua motivação, ele confessou a um de seus amigos que "jamais poderia crer em tudo o que eles crêem". Para ele, não são os dogmas e as crenças que constituem a essência da religião, e sim a prática e os atos.

Visto por esse ângulo, os trabalhos de Wittgenstein mostram uma preocupação ética e religiosa inegável apesar de esses assuntos raramente serem abordados de modo explícito. Comecemos por sua primeira publicação de envergadura, Tractatus logico-philosophicus, obra notável composta de proposições meticulosamente dispostas, concluída durante a Primeira Guerra Mundial. Nessa obra ele trata dos fundamentos da lógica, da linguagem, do pensamento e desenvolve uma teoria da estrutura do real. Ele propõe, ademais, uma definição geral daquilo que dá sentido a uma proposição. A obra mostra que um certo número de enunciados filosóficos, em particular os que tratam de ética, são desprovidos de sentido! E o que é verdadeiro para a ética o é igualmente para a religião: para Wittgenstein, as duas coisas são quase sinônimas.

Numa carta a Ludwig Fisher, de 1919, ele afirma: "Em suma, o *Tractatus* é uma ética", e acrescenta que seu objetivo tinha sido o de determinar, de uma vez por todas, a natureza mesma da ética. Segundo ele, a ética faz parte de um domínio sobre o qual nada pode ser dito e sobre o qual



nós, assim como ele o salienta na conclusão de sua obra, devemos calar.

Contrariamente ao grupo dos positivistas lógicos, Wittgenstein concede um grande valor "àquilo sobre o qual nada pode ser dito", pois é sobre isso que se situam as verdadeiras questões sobre a vida: "mesmo que se responda a todas as questões científicas, ainda assim não se disse nada sobre isso" –afirma ele no *Tractatus*. Para ele a ética religiosa e a ciência são domínios estrita e fundamentalmente separados.

Seus escritos da época fazem-nos entender que a conduta justa é em primeiro lugar uma questão de equilíbrio. Trata-se, portanto, de harmonizar a própria vontade "a essa outra vontade da qual dependemos inteiramente". Essa vontade, a vontade de Deus, não se manifesta no mundo de modo específico, ela coloca "o mundo como tal" como uma tarefa ética diante do homem. Nisso reside o verdadeiro sentido dos valores ético-religiosos, e não nesta ou naquela condição do mundo ou do homem. Essa é a razão pela qual não poderíamos dizer nada sobre esses valores.

Em *Lecture on ethics*, Wittgenstein declara: "Se um ser onisciente conhecesse todos os fenômenos, tanto físicos como psicológicos, bem como todas as suas rela-

ções, e pusesse todo esse conjunto em um livro, ele chegaria a uma descrição completa do mundo sem o menor ensinamento de ordem ética. Todo discurso sobre o bem, o sentido, deus", insiste ele, "é um abuso da linguagem".

Wittgenstein fez essa conferência sobre a *Ética* logo após seu retorno a Cambridge em 1929. Após a Primeira Guerra Mundial, tendo terminado o Tractatus, e acreditando ter respondido sem equívocos as questões que se fazia, ele se despediu da filosofia, renunciou aos bens de família para, segundo ele, "tentar fazer de sua vida alguma coisa ordenada". Seguindo a carreira de professor, ensinou durante alguns anos no interior da Áustria, porém sem sucesso. De volta a Viena, ele se ocupou da construção de uma casa de estilo vanguardista para sua irmã, Margarete Stonborough. Sob a influência de contatos e membros do Círculo de Viena, de outros filósofos e de matemáticos, ele voltou à filosofia. Percebendo que as teses do Tractatus comportavam certas suposições insustentáveis, ele começou a trabalhar de novo. É aí que está o seu talento. Embora durante toda sua vida tenha sentido repugnância pelo academismo, ele percebia agora que tinha o dever de desenvolver esse talento. Parece também que a prática iria permitir-lhe medir o valor moral de suas convicções: o critério não é o que se diz, mas o que se faz.

Delinear as concepções filosóficas de Wittgenstein após o seu retorno à filosofia nos anos vinte até sua morte em 1951 nos levaria muito longe. E menos necessário ainda é considerar que lugar a ética e a religião ocupam nela, pois em relação a isso nada muda. Nela vemos uma grande mudança de suas idéias sobre o sentido das vogais (semântica), as relações entre linguagem e lógica, sobre o papel do pensamento e sobre a maneira pela qual o conhecimento é estabelecido e justificado. Com suas idéias inovadoras, ele contribuiu de modo importante para a filosofia contemporânea.

O problema ético-religioso permaneceu, contudo, o mesmo para ele. Wittgenstein permaneceu convicto de que esse aspecto da existência se subtrai à influência da ciência e da filosofia. As conviçções religiosas, por exemplo, não podem ser justificadas pelos fatos históricos e todos os esforços nesse sentido lhe parecem "ridículos". A maneira como a ciência se aproxima do mundo e o investiga permanece estritamente separada do mundo que pode ser denominado religioso e nada tem a ver com ele. A vida religiosa acarreta um certo comportamento, um ponto de vista sobre a existência que condiciona tudo, portanto todas as ações. A convicção religiosa não é uma questão de razão e sim de paixão: uma maneira apaixonada de ver o mundo e a si mesmo, de descobrir nele um sentido.

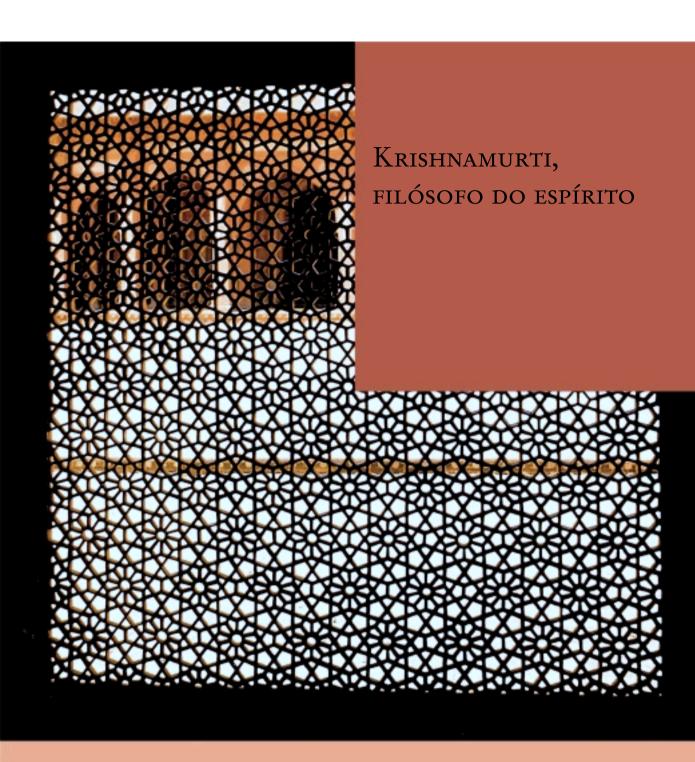
Isso significa que Wittgenstein rejeitava rituais, práticas formais, livros sagrados, fórmulas estereotipadas, etc, enfim, todos os elementos exteriores que desviam do âmago da questão. A religião não é um domínio separado da vida. Ela interpenetra o ser inteiro, seus pensamentos, seus sentimentos, seus atos. Na primeira de suas *Lectures on religious belief* que data de 1938, Wittgenstein diz: "Uma convicção religiosa não é o fruto de raciocínio ou de um apelo normal a uma crença justificada; ela é o fruto de um fato que determina a vida inteira".

Assim ele dá à religião um lugar muito especial. Não ao lado da ciência como um concorrente, ou como explicação alternativa à realidade do mundo e do homem, porém como uma postura e uma maneira de como podemos ver as coisas, como algo que determina nossa ação e lhe dá sentido. O sentido da vida não está inscrito no mundo, "Deus não se manifesta no mundo", diz ele no *Tractatus*, nem fora, nem em nenhuma outra parte, nem mais tarde. É em face deste mundo, onde nos encontramos como por acaso, que devemos assumir essa posição. A ciência tenta

explicar este mundo em que vivemos nossa vida, uma vida que não apresenta sentido senão mediante uma postura ética religiosa justa.

Na longa evolução do pensamento filosófico no que diz respeito a religião, Wittgenstein ocupa um lugar à parte. Não por causa de suas idéias acerca das crenças religiosas, pois houve outros que o precederam em sua insistência sobre o aspecto pessoal, não dogmático e universal da fé. Um exemplo disto é Sören Kierkegaard, a quem ele se refere com frequência. A contribuição de Wittgenstein encontra-se sobretudo no fato de que ele redefiniu a religião e suas relações com o pensamento científico e as idéias comuns, e nela enraíza de modo indireto suas teorias sobre linguagem, significado e conhecimento. Ele próprio achava que sua visão apresentaria pouco interesse para a cultura européia moderna. Mas a influência de sua obra não diminuiu, e soa ainda mais otimista.

Wittgenstein, L., Tractatus logico-philosophicus, 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2001.
Wittgenstein, L., Investigações filosóficas, 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.



Um espírito vivente é um espírito pacífico, um espírito vivente é um espírito que não possui um ponto central, e portanto nem espaço nem tempo.

Esse espírito não possui fronteiras, e é a realidade única.



"É possível a vosso espírito", pergunta Krishnamurti, "cessar de pensar em função do passado e do futuro, sendo que o futuro é tão-somente uma expectativa baseada no passado? Está o espírito liberto dos hábitos? Não está ele sempre forjando novos hábitos? Se vos aprofundardes nestas questões, descobrireis que tudo isso é possível.

Quando o espírito se renova e cessa de formar novos hábitos, ele permanece no frescor da primeira juventude, fruindo, por isso, de uma compreensão ilimitada.

Para esse tipo de espírito a morte não existe, pois ele já não segue o processo acumulativo de conhecimentos que geralmente é a causa dos hábitos e da imitação. O espírito que acumula o saber deve esperar pelo declínio e pela morte. Porém, para o espírito que não acumula nem ajunta nada, para o espírito que morre a cada dia, a cada instante, já não existe morte. Ele se encontra no estado do espaço infinito.

O espírito deve, portanto, renunciar ao que acumulou – todos os hábitos, tudo em que ele confia para sentir-se em segurança. Só assim ele já não é embaraçado pela rede de seus próprios pensamentos. Ao abandonar a cada instante o passado, o espírito rejuvenesce, nunca perecerá e nunca colocará em movimento a onda que provoca a maré das trevas".

A característica de Krishnamurti, que bebe diretamente das fontes do espírito, é para Eckartshausen o que ele denomina o

Página precedente: Quando o pensamento vive tão-somente de estereótipos, ele interdita a abertura e a receptividade da alma. Janela de mármore, mausoléu de Salim Chisti em Fatehpur.

À esquerda: o jovem Jiddhu Krishnamurti. Foto E. Weston.

### JIDDU KRISHNAMURTI (1895-1986)

No começo do século XX, um jovem hindu de nome Krishna recebeu, na Sociedade Teosófica, uma formação que deveria fazer dele, sob os auspícios dos teósofos ingleses Annie Besant (1847-1933) e C.W. Leadbeater (1847-1934), o futuro "instrutor do mundo". Em 1911 A. Besant e Leadbeater fundaram a Ordem da Estrela do Oriente, que propagava no mundo inteiro a idéia de que Krishnamurti era o novo guia espiritual mundial. Em 1929, Krishnamurti destruía a imagem que haviam feito dele. Ele não queria ser esse guia espiritual e incessantemente repetia que cada um deveria examinar a si próprio, ver e quebrar o próprio condicionamento e todos os modelos estereotipados segundo os quais se deve pensar, querer e agir. Para ele, os dogmas e preceitos não têm a menor importância. O que importa é abandonar todas as autoridades e a si mesmo, e desse modo vivenciar a unidade da vida em tudo o que surge, em tudo o que aparece e desaparece.

Krishnamurti não ofereceu técnicas. Embora não quisesse ser o instrutor mundial, ele começou a fazer numerosas conferências em todo o mundo, atraindo uma grande audiência. Nessas conferências ele fez análises sutis do pensamento e do comportamento individuais e de suas repercussões na sociedade.

Fontes: Lutyens, M., *Vida e Morte de Krishnamurti*. Brasília: Editora Teosófica, 1996. Lutyens, M., *La puerta abierta*. Barcelona: Edhasa, s. d. Jayalkar, P., *Krishnamurti*: *biografia*. Buenos Aires: Editora Kier, 1988.

"homem de luz", e define da seguinte forma: "Tudo o que ele diz ou empreende acontece em nome ou mediante as propriedades do fogo, da luz e do espírito, pelo qual ele conduz tudo ao Amém, à realização total".

Segundo Krishnamurti, a compreensão é um fator essencial para a libertação do espírito. Para ele, a libertação do espírito, que acarreta uma transformação, uma revolução interior total, é uma noção chave. Ela significa antes de tudo a posse de uma consciência correta do problema da liberdade, definida por ele como libertação do medo ou da coação de toda tendência para buscar a segurança. Nosso maior obstáculo é o impulso de querer ser algo ou alguém, de possuir um status. "É estranho vermos a que ponto são numerosos os que aspiram à consideração, aos louvores enquanto poeta ou filósofo, e àquilo que poderia dar prestígio ao ego. Este ou aquele título deve dar uma certa satisfação, mas

isso não tem nenhum significado. A consideração alimenta a vaidade, e talvez encha a carteira, mas e daí? Esse homem se vê à parte e seu isolamento incessantemente lhe apresenta problemas cada vez maiores. O que importa é permanecer livre tanto de sucesso como de fracasso". Acaso não ouvimos aqui a voz de um Espinosa do século XX, talvez de maneira mais conseqüente que seu predecessor do século XVII?

"Quer seja no mundo da política, do poder, da situação social, ou no pretenso mundo espiritual no qual vos esforçais para ser mais justos, piedosos e desinteressados... enquanto quiserdes ser alguém, não sereis livres. O homem ou a mulher que vê o absurdo de tudo isso e que tem o coração puro e não deseja ser alguém é livre. Se compreenderdes a simplicidade disso, vereis sua extrema beleza e profundidade."

Krishnamurti qualifica essa atitude de



"um espírito calmo". "Somente essa calma pode dar-vos uma real percepção, pois o espírito é sensível à beleza".

Krishnamurti enfatiza a distância existente entre esse estado e a onda irresistível do assim chamado progresso tecnológico.

"O poder do pensamento aplicado à tecnologia permitiu grandes descobertas. Esse mesmo poder nós o empregamos para resolver os problemas psicológicos impostos pelo egoísmo, pelo ódio e pelo medo. A psique, portanto, não evolui. O egoísmo e o medo não podem transformar-se em seu contrário. O egoísmo apenas pode crescer e ganhar força; ele jamais pode se transformar em desinteresse."

Segundo Krishnamurti, é preciso ter-se um espírito livre do peso das tradições e do passado. A mais ampla liberdade é uma necessidade. Mas tão logo alguém pense ser livre, já o deixou de ser. É preciso ter um espírito livre, lúcido e sem entraves; porém ter um espírito lúcido e penetrante é impossível quando, por qualquer razão, se está com medo.

O medo bloqueia o espírito. Tereis o espírito claro e penetrante se não cessardes de considerar vossos traços de caráter, estando profundamente conscientes de vossos impulsos interiores, mas sem oporlhes resistência. Somente então será possível falar-se de um espírito sutil e calmo. Um espírito sutil atua de maneira lenta, hesitante. Esse espírito não tira conclusões, não julga nem formula. Ele permanece atento, à escuta. Essa disposição de espírito não deve surgir mais tarde, porém deve estar presente já no início. A respeito dessa disposição, Krishnamurti nos diz: "É possível que já tenhais dado a ela oportunidade de desabrochar!"

Para ele, a liberdade do espírito provém da compreensão, e o mais importante nessa compreensão é descobrir que nada sabemos. Esses são conhecimentos clássicos, que podem ser encontrados em Sócrates. E Cristiano Rosacruz diz: "A soma de todo saber é que nada sabemos". Krishnamurti o expressa da seguinte forma: "Se disserdes 'eu não sei', o espírito permanece imóvel, totalmente silencioso, e esse silêncio se prolonga".

O que para ele melhor ilustra o trabalho do espírito é o rio, em particular a correnteza do rio.

"De um modo ou de outro, a água parece purificar-vos, lavar-vos da matéria das lembranças. O rio dá ao espírito a qualidade de sua própria pureza, da pura natureza da água... O rio tudo recebe e permanece sendo ele mesmo, sem se preocupar em saber o que é puro ou impuro."

Para permanecer nessa corrente precisais viver com leveza (não de maneira negligente), assim como um convidado em vossa casa ou corpo. Ser um convidado significa não ter amarras e caminhar sobre a terra com leveza. Podeis fazer uso de vossos órgãos sensoriais, contanto que eles não desperdicem energia "... dando-lhes livre curso".

As pessoas que viram Krishnamurti compararam sua presença a um rio. Este foi o caso de sua biógrafa Pupul Jayakar que relata: "Um rio de calmo silêncio flui através dele. Sua mente jamais se imobiliza. Ele está aberto a toda espécie de crítica".

Mas esse rio também convida a uma revolução interior quando ele diz: "Tratase de uma revolução total, não apenas nas grandes coisas, mas também nas pequenas coisas da vida cotidiana. Vós vos revoltasdisse isso a propósito da Índia, porém em outro lugar ele afirma a mesma coisa concernente à política dos pretensos "cristãos".

O condicionamento e o impulso interior de libertar-se dele representam um papel preponderante na filosofia de Krishnamurti. Esse pensador moderno é muito claro com relação a esse assunto e o aborda com espírito científico prático: "A mente científica com sua lógica, sua preocupação quanto à precisão e suas investigações orienta suas pesquisas sobre a natureza exterior do mundo, e isso não pode levar a uma compreensão interior das coisas. Apenas a compreensão interior pode levar à compreensão exterior. Nós somos o resultado das influências externas. O espírito científico é minucioso e claro em suas pesquisas.

"Um rio de calmo silêncio flui através dele. Sua mente jamais se imobiliza. Ele está aberto a toda espécie de crítica."

tes. Permanecei assim. Mantende a posição. Mantende o fogo interior ardendo". Para Krishnamurti a transformação é radical: "O espírito religioso é o espírito revolucionário, verdadeiro. Ele é explosivo, e criativo. É um estado criador". Isso significa o mesmo que o "cometa ígneo" Giordano Bruno dizia: "Tornai-vos eternidade", e que a observação de Nietzsche: "Conduzi a guerra em vós mesmos", não no plano político ou mundial, evidentemente.

Com efeito, Krishnamurti afirma: "A política é extremamente destrutiva. Quando os homens dizem que trabalham pela paz ou por reformas, é sempre o eu que se encontra em primeiro plano. Políticos não possuem um espírito cheio de frescor. O mundo precisa de espíritos plenos de clareza e frescor, e não de espíritos condicionados, sejam eles hindus ou muçulmanos". Ele

Ele não é um espírito compassivo porque não compreende a si próprio". O espírito religioso também é capaz de pensar com exatidão, por isso esse espírito traz em si o espírito científico. Contudo, o espírito científico não contém o espírito religioso, pois ele se baseia no tempo e no conhecimento, e está orientado para sucesso e resultados.

Krishnamurti sabe fazer a ligação, em sentido positivo, entre vida, amor, revolução, eternidade, sem fazer qualquer concessão à essência do espírito: "A vida é extremamente rica, possui tantos tesouros, porém nós a abordamos com o coração vazio. Contudo, não sabemos como preencher nosso coração com a superabundância da vida. Somos interiormente pobres, e quando uma riqueza nos é oferecida nós a recusamos. O amor é algo perigoso, ele é a

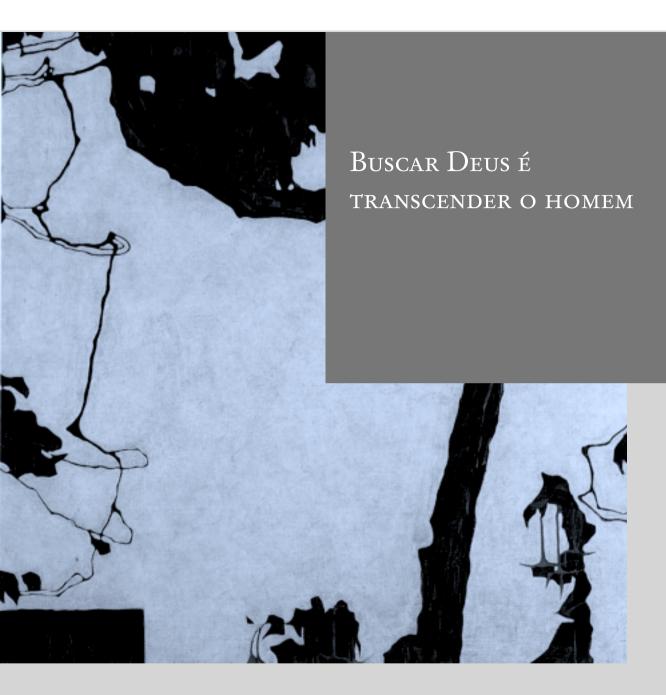
causa da única revolução que nos torna inteiramente felizes. Há poucas pessoas entre nós que colocam o amor acima de tudo, e portanto existem poucos que desejam o amor. Impomos nossas próprias condições ao amor e traficamos com ele. Temos mentalidade de comerciante, porém o amor não é uma mercadoria. Não se trata de tomar e de dar, mas de alcançar um estado de ser que traga a solução para todos os problemas humanos. Nós vamos à fonte munidos de um dedal, e assim a vida se torna mesquinha, raquítica, sem nenhuma grandeza [...] Eu não sei, mas acho que poderíeis arder de amor. Essa flama nunca se extingue. Possuís dela tanto quanto desejais dar aos demais e na medida que o fazeis. Esse rio de corrente poderosa lava e purifica cada cidade, cada grande cidade; ele é poluído pela sujidade dos homens, mas a água purifica a si mesma e prossegue o seu curso. O amor não pode corromper coisa alguma. Ele é a solução de tudo, seja bom ou mau, belo ou feio. Ele é a única coisa eterna e inexaurível".

Krishnamurti viveu a vida de um filósofo do espírito e seguiu os grandes processos de transformação. Ele mesmo dá o exemplo de um homem aberto às influências das energias que produzem as transformações atuais. Quando sua biógrafa, Pupul Jayakar, perguntou-lhe quem ele era, ele respondeu: "Pouco importa quem eu seja. O que pensais, o que fazeis, as transformações pelas quais passais, isso é o que conta". De súbito, ela se lembra que Krishnamurti jamais disse uma palavra sobre si mesmo, jamais fez alusão a qualquer experiência pessoal. Era isso que o tornava um estra-

nho, embora o conhecessem tão bem.

"Mesmo num gesto amigável, em meio a uma conversação cotidiana, era possível sentir subitamente de sua parte um distanciamento, uma calma, uma concentração na qual não havia nenhum centro. Contudo, podíeis sentir em sua presença a infinita bênção de seu interesse".

Amizade, eternidade, transcendência de espaço e tempo, rejeição do mundo de ambições, da celebridade e das honrarias, aparência de estrangeiro, mas acima de tudo encontrar-se na corrente do amor eterno e inexaurível. São estas as características do homem-espírito que Krishnamurti, como verdadeiro homem aquariano, antecipou na corrente da nova era que irrompeu na Europa, na Ásia e na América.



É ao mesmo tempo difícil e cativante examinar como a filosofia moderna abre penosamente um caminho para a eternidade, em direção a Deus — e, muitas vezes, desconhecendo-o. Repete-se que o homem não tem a possibilidade de dizer o que quer que seja de sensato a respeito de Deus. Mas Espinosa, assim como o filósofo francês Gilles Deleuze — que, três séculos mais tarde, devia analisá-lo de maneira tão profunda — chegam à conclusão de que o homem deveria abandonar a si mesmo e à sua personalidade para abrir-se ao eterno e imutável. Mas será que estamos prontos para isso?

Página precedente: Modelos. Árvore no outono com fúcsias. Óleo sobre tela, Egon Schiele, 1909.

Abaixo: No painel intitulado *Três* filósofos, Max Ernst mostra como os brilhantes sistemas filosóficos bastante distantes da realidade cotidiana podem fazer uma pessoa planar no imaginário. Ou: A que, ao certo, a humanidade se dirige? Óleo sobre tela, 1957.

Eis o ensinamento do pensador límpido e do piedoso místico expulso da sinagoga e estigmatizado pelos padres cristãos que o xingavam de 'ateu abominável'." Foi assim que, em 1915, Nico van Suchtelen introduziu sua tradução da Ética de Espinosa. Ele sumariza sua filosofia da seguinte maneira: "Há alguma coisa que, por si mesma e por seu próprio poder, é a causa de si mesma. Trata-se de Deus, a substância que existe por si mesma, substância eterna de prerrogativas infinitas. Nós, os humanos, temos apenas duas: a faculdade mental e o espaço vital - espírito e matéria. O mundo aparente onde vivemos e todas as coisas em suas particularidades são manifestações moventes, finitas, temporárias e instáveis da Divindade eterna e infinita. Nosso espírito é um raio do Espírito divino; nosso corpo é uma parte do corpo divino. O reconhecimento racional, claro e nítido dessa Unidade faz crescer dentro de nós o amor espiritual por Deus. Deus nada mais é do que a conscientização de Deus mesmo em nosso espírito. E aí estão encerradas nossa salvação e bem-aventurança".

O sistema de Espinosa é hermeticamente fechado e não precisa de complementos. Discussões sobre sua obra limitam-se, portanto, na maior parte das vezes, à questão se ele era ou não um místico.

Gilles Deleuze, pensador francês que morreu em 1995, diz que Espinosa é o mais paradoxal e o mais filosófico dos filósofos: aquele que consegue seduzir até mesmo os não-filósofos. Para as pessoas que não conseguem seguir o ensinamento de Espinosa, ou que conseguem fazê-lo com dificuldade, sua obra contém muitos momentos e passagens que podem tocar-nos e mudar radicalmente a imagem da realidade. Ao contrário, afirma Deleuze, um filósofo profissional não pode extrair nada do Espinosa "subterrâneo" e "ardoroso": se ele se debruçar apenas sobre seus conceitos, a própria essência de seu ensinamento lhe escapará. Em um estudo apaixonante - Espinosa, filosofia prática - publicado em 1970, Deleuze explica por que seus leitores são tão variados. "Escritores, poetas, músicos, cineastas, pintores - e até mesmo um simples leitor - podem concluir que são adeptos de Espinosa. A probabilidade de que isso ocorra é de fato muito maior do que entre filósofos profissionais."

"Espinosa gozava de um privilégio que ninguém antes ou depois dele





Gilles Deleuze é um pensador francês do século XX. Sua carreira como filósofo ele começa como pesquisador científico, depois escreve sobre Bergson, Hume, Nietzsche e, por fim, sobre Espinosa. De acordo com ele, todas as pessoas têm um olhar particular sobre a realidade, que depende do momento de sua reflexão. Deleuze afirma que a meditação repetida sobre certas idéias leva à transformação delas.

Essa filosofia – denominada *filosofia diferencial* – parte da idéia de que falseamos imediatamente a realidade a partir do momento em que aplicamos conceitos sobre ela, a partir do momento em que tentamos enquadrá-la em modelos. O que é individual e familiar sempre se eclipsa quando empregamos fórmulas e conceitos gerais para falar sobre isso. O problema mais notável de nossa época é, segundo Deleuze, a falta de fé: a certeza de poder conhecer o mundo em sua totalidade e em sua coesão já não existe. Deleuze tem a idéia incrível de que é o cinema atual que teria o poder de nos devolver a fé. O filme nos ensina que vivemos uma realidade que se desintegrou em fragmentos: nela, há muito tempo, já nada existe em sua realidade integral.

Um laço muito forte, apesar de pouco comum, liga Deleuze a Espinosa. Primo Levi escreve em A tabela periódica: "Quanto maiores forem as concordâncias, mais profundas serão as diferenças". Se invertermos esse ditado, teremos: "Quanto maiores forem as diferenças, mais profundas serão as concordâncias" — e esta é uma imagem bastante espirituosa da relação entre a obra de Espinosa e de Deleuze. Se examinarmos a Ética, que é a obra principal de Espinosa, a idéia fundamental é a de que "a imutabilidade" está diretamente relacionada com "o ser". Deleuze, que tem a maior admiração pelo mundo intelectual positivo de Espinosa (e nisso ele é o seu continuador) e que, ao mesmo tempo se esforça por fazer "o humano" se elevar com base no "ser", começa suas teorias pelo "movimento". Portanto, podemos considerar que sua obra é uma homenagem a Espinosa. Como inverte seu ponto de partida, ele tenta dar uma nova forma, uma nova vida ao olhar fundamental do grande pensador holandês — isso é válido sobretudo quando considera que Deus e a Natureza são unos. Nesse ponto, ele está muito próximo de Espinosa. E do mesmo modo que ele, sua filosofia, por seu procedimento radical, invoca sobre si o mesmo silêncio "ensurdecedor" que cercava Espinosa na época em que vivia, do mesmo modo que ainda hoje na nossa.

partilhou. Filósofo de envergadura incontestável por seu saber e sua sistemática, ele exige de seus leitores uma aplicação excepcional, mas, ao mesmo tempo, ele lhes oferece a possibilidade de um encontro imediato, espontâneo, com sua filosofia: alguém que nada tem de filósofo ou até mesmo um leitor pouco culto pode sentir-se atraído por ela, como que atingido por um raio. Em um momento como esse, descobre-se o 'espinosismo', como se se fosse acompanhado por Espinosa e arrastado para o interior de sua obra."

De fato, Deleuze é um moderno que está aberto para tudo. Suas inúmeras referências à literatura, à arte, ao cinema, não permitem delinear limites precisos ao seu pensamento. luiu o bastante e não se sabe ainda que lugar deve ser consignado a ele. Apesar de três séculos separarem Espinosa e Deleuze, descobrimos que os dois eram, cada um em sua época, pensadores não-conformistas.

### O espírito da época

O espírito de uma época ultrapassa, e muito, o espírito de um determinado pensador. Para a maior parte das pessoas, os pensadores, cientistas, escritores, artistas e líderes dão apenas uma versão pessoal. Suas opiniões apenas coincidem em certos pontos. Por mais que um pensador, escritor, líder ou artista possa apenas raras vezes, ou mesmo jamais, refletir por

"Escritores, poetas, músicos, cineastas, pintores – e até mesmo um simples leitor – podem concluir que são adeptos de Espinosa. A probabilidade de que isso ocorra é de fato muito maior do que entre filósofos profissionais."

Assim, os dois filósofos, que possuem métodos de trabalho, argumentos e filosofias tão distintas, estão mais lado a lado, não se podendo dizer que Deleuze seja o sucessor de Espinosa. Podemos sustentar esta tese principalmente no caso de Espinosa. Se, uma vez que tem franqueza sobre os outros pensadores, escritores e artistas, Deleuze sempre os apresenta muito arbitrariamente, da mesma forma é preciso concluir que a obra de Espinosa é auto-suficiente, pela visão que ela dá da imagem hermética da Divindade.

Colocando essa objeção de lado, é preciso dizer, principalmente, que a herança filosófica de Deleuze mal teve tempo de suscitar reações. Desde sua morte, em 1995, a filosofia não evo-

inteiro o espírito de seu tempo, na medida em que suas opiniões estão de acordo, eles são os representantes dessa época. Poderia o espírito da época ser expresso em uma única obra? Na maior parte das vezes, ele se expressa em muitas obras, sob diferentes aspectos. Nisso as diferenças não são importante, pois, supondo que, há um século, essas pessoas fossem diferentes das de hoje, ainda assim elas expressariam o correto sobre a humanidade. Estaria o astronauta americano Neil Armstrong, o primeiro homem a colocar o pé na lua, falando de uma humanidade diferente quando, em 20 de julho de 1969, declarou: "Isso representa um pequeno passo para um homem, mas um gigantesco salto para a humanidade"?

À direita: Modelos formais. Retrato construtivista de um filósofo por Ljubow Popowa, pintora russa que trabalhou em Paris em 1912-1913.



### A resposta começa com UMA PERGUNTA

Como já falamos sobre o pensamento, falaremos sobre a evolução da humanidade. Que outro fenômeno senão a evolução poderia condicionar o espírito da época? Será que o espírito da época tem uma intenção, um objetivo, que poderia nos fazer dizer: "Este era o espírito da época, e depois disso ele se manifestou de tal e tal modo"?

A resposta começa também com uma pergunta. Será que a evolução do espírito da época não teria recaídas como as da humanidade? Pelo menos é o que parece, pois o espírito da época se manifesta tanto na arte como na ciência, na filosofia, na economia, na política, etc. É isso que Deleuze tenta captar. Todos esses aspectos em sua coesão formam o espírito da época. Tudo acontece como se algo que estava na atmosfera acabasse por se materializar no final de certo período. Falemos sobre o Século das Luzes, por exemplo. O espírito da época, nesse sentido, seria uma substância que transcendia as diferentes manifestações humanas. Poderia ser uma nova maneira de ver o mundo em relação a uma necessidade que ainda estava adormecida. E assim nós caminhamos em frente, em direção a uma resposta: se quisermos compreender essa necessidade no tempo de Espinosa, quando findava o Século das Luzes, poderemos afirmar, retrospectivamente, que era uma necessidade que o ser humano tinha de admitir sua individualidade, sua personalidade. E, precisamente na época em que todos descobriam sua própria personalidade, Espinosa escrevia que o ser humano deveria abandonar a si

Vaso de terracota mesmo e abandonar sua experiência

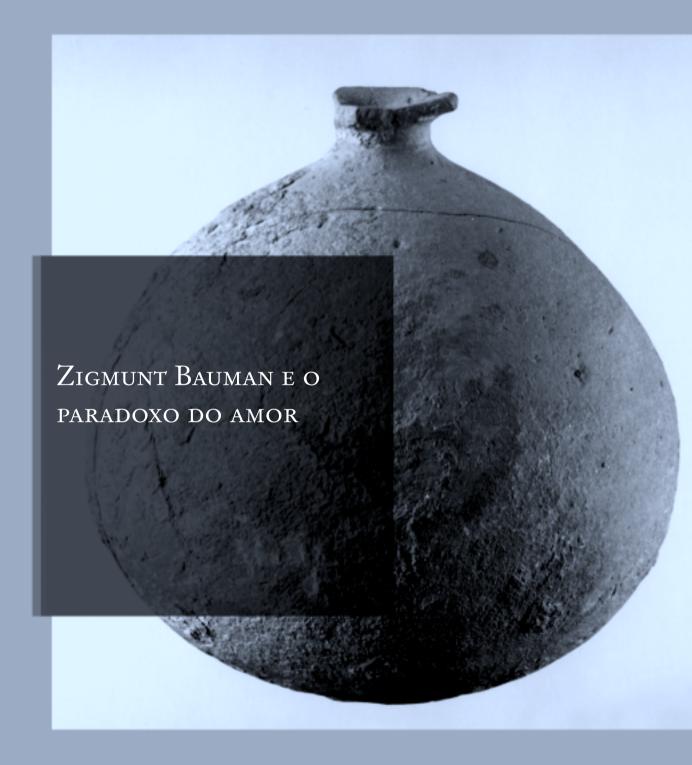
pessoal para abrir-se ao eterno e ao imutável. Essa transcendência que Espinosa tinha em mente era divina, enquanto seus contemporâneos se ocupavam em livrar-se do jugo de um deus a fim de experimentar o humano de maneira nova. Apesar de Espinosa ter formulado isso com uma grande beleza, oferecendo até mesmo uma interpretação original sobre o conceito de Deus, as pessoas não enxergaram isso e continuam não enxergando. Deleuze também continua passando despercebido. Esse pensador, assim como Espinosa, dá pouca importância ao ser humano enquanto ser que julga, que tem uma opinião e considera idéias sobre o bem e o mal. portanto, que tem a capacidade de um julgamento maduro e sem preconceitos. Deleuze denomina o homem "um desencaminhamento, um equívoco, uma injustiça, que deve ser aniquilado por uma justiça maior". Mas somos assim no íntimo? Alguns, talvez. Sempre houve buscadores da liberdade e discípulos de Espinosa. Mas a maioria que determina o que é o bem e o que é o mal parece estar limitada aos caminhos batidos da repetição sem fim.

O que é eterno é imutável, sempre semelhante a si mesmo, jamais se repete. Não é um filme. É a justiça maior que um dia elevará tudo para si. E o ser humano tem a escolha, a liberdade e a alegria de permiti-lo.

### Fontes:

Levi, P. A tabela periódica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, s.d. Deleuze, G. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Editora Escuta, 2002. Espinosa, B. Ética. São Paulo: Martin Claret, 2002.

desenterrado em Kalibangan, Índia. Cultura Pré-Harappa, 3200-2800 a.C.



Por mais francos que procuremos ser, os acontecimentos nos transtornam e não tardam a mudar nossa visão de vida. Pensávamos que éramos francos, mas na realidade estávamos fechados e tudo permanecia escondido atrás de portas bem fechadas. Ser verdadeiramente franco pressupõe uma grande confiança bem como a coragem de ousar mudar. Uma criança pode ser bastante franca caso se sinta confiante, sustentada – talvez inconscientemente – por sua família, seus pais, seu meio ambiente. Em nossa sociedade esse sentimento desapareceu, sendo substituído pelo que poderíamos denominar uma sensação de incerteza, de instabilidade, de insegurança.



Z igmunt Bauman, sociólogo polonês, considera-se "um intérprete do mundo através dos seus textos" e afirma que um conto de Jorge Luis Borges pode ser mais útil que um livro convencional sobre sociologia. Muito se refletiu sobre o homem moderno, sobre os problemas psicológicos apresentados pela sociedade descrita por Borges. Ele fala acerca de uma "sociedade líquida". Em sua opinião, todos

sofremos da "síndrome do Titanic". Estamos perfeitamente cônscios de todos os perigos que ameaçam nossa civilização, porém vivemos "sem esperança" e "desamparados", sentindo que não dispomos dos meios para fazer frente a esses perigos. Por outras palavras, tendemos a ignorar tudo o que nos ameaça, pois preferimos divertirnos. Bauman vê o nascimento de um novo tipo humano, o homem eleitor ou *homo* 

O amor é chamado a maior e mais poderosa força em todo o Universo. Deus é identificado com ele. "Deus é amor", diz a Escritura Sagrada. [...] Não é necessário argumentar que aquilo a que se chama amor na dialética nada tem a ver com esse amor, nem mesmo pode ser comparado a ele. O amor em nossa natureza é uma qualidade de nosso potencial natural de bondade. [...] O amor na natureza como qualidade da bondade tem, primeiro, seus limites; segundo, não é incondicional; terceiro, exclui outros e é, portanto, egocêntrico; quarto, surge sempre com diversas máculas, como por exemplo, estupidez, egoísmo, indiferença e ódio. [...] O que é denominado amor na Doutrina Universal é a substância primordial da chama divina, da alma do mundo.

Rijckenborgh, J. v. O advento do novo homem. SP: Lectorium Roscirucianum, parte II, cap. 8 e parte III cap. I.

eligens. Essa é uma bela expressão, porém de um peso inquietante, pois, esse homo eligens é impulsionado pela necessidade obsedante de mudança. Sempre incompleto, mas jamais realizado, ele está incessantemente ocupado em mudar sua identidade. Ele vive numa rede social multiforme e transfere a necessidade humana de crer em algo e de pertencer a algum lugar para o mundo do consumo. "Compro, portanto existo". Disso resulta um individualismo exacerbado. Ora, quando o sentido comunitário desaparece, o chão desaparece debaixo dos pés do indivíduo.

Zigmunt Bauman conclui que existe um sólido sentimento de segurança unicamente nos países em que os cidadãos confiam no Estado e onde existe o sentimento de ser parte de uma comunidade. Porém, tais países são raros e as sociedades modernas não conseguem oferecer segurança. A esse respeito ele escreve:

"Após o Século das Luzes, o bom senso da verdade diz que a emancipação do homem, a manifestação do verdadeiro potencial humano, exige um rompimento dos laços com a comunidade e a libertação dos condicionamentos de nascença". Em razão da perda da confiança nas grandes instituições como a Igreja, a religião, a política – quem ainda confia nos políticos? – bem como nas instituições menos importantes (clubes esportivos, associações sócio-culturais), ninguém mais tem o senti-

mento de vinculação e de segurança. Daí vem a dificuldade de "ser franco" para a vida. Quando já nada está seguro, é preciso erigir novos muros.

### Quando tudo ainda era bom

Outrora, a vida era feita de projetos claros: formação, trabalho, casamento, aposentadoria. Para tanto, as pessoas se aplicavam com diligência e vigor a fim de se aperfeiçoar e construir sua existência. Na sociedade de consumo, nós nos contentamos com soluções temporãs ou descartáveis. À semelhança do show de tv Big Brother, nossa existência parece ser feita de uma série infinita de pseudo-experiências. Para Bauman, os maiores empregadores nos dias atuais seriam os despachantes; as relações amorosas não durariam mais que um ano, e dois terços dos casamentos terminariam em divórcio; casas, veículos e demais coisas de aluguel dominariam nossa economia. Já não temos nenhuma ligação com um passado sólido; não nos engajamos em nada e escolhemos sempre o "temporário". Não voltamos atrás em nossas escolhas, porém estamos continuamente fazendo novas escolhas e continuamos

Dança de Krishna com as gopis, século XVIII. Pintura em musselina que glorifica o casamento, usada como presente de casamento para ser guardado. O grupo de dançarinos simboliza o casamento do céu e da terra. nossa rota numa contínua renovação, o que é justamente a característica de uma sociedade de consumo. As pessoas não querem estabelecer ligações, não podem construir e encontram-se em constante fuga. Quando as redes se tornam mais importantes que as relações individuais, fica cada vez mais difícil encontrar repouso. Ora, para que haja "franqueza", o repouso e o equilíbrio são essenciais. "A necessidade de uma renovação incessante com a finalidade de manter abertas todas as opções – que um dia foi um privilégio – acaba se transformando em experiências

Citação de Blaise Pascal

"À maioria de nós falta tempo e
meios para ser um indivíduo".

fatigantes". A existência torna-se fugaz porque tudo nela é fugaz, e a franqueza que surge é a de um invólucro vazio.

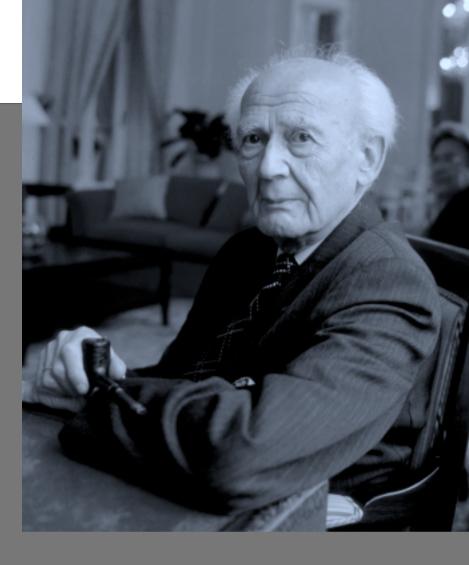
Amor. Mas o que é mesmo amor?

Zigmunt Bauman acredita que o ser humano é livre e também limitado. A realidade não é um bloco monolítico, porém evidentemente uma mistura caótica de forças que determinam por completo nossa vida, assim se poderia dizer. Eis porque é tão importante que cada um encontre, de preferência cedo na vida, um ponto de apoio estável e resistente, um fundamento interior que se apóie no amor e seja uno com ele. Assim o ser humano pode reagir de maneira criativa a todas as mudanças que lhe sobrevêm, sem que estas o prejudiquem.

Aspiramos ao amor porque ele nos embeleza interiormente. Bauman pergunta se o que nos embeleza é o amor ou a coragem de participar do processo denominado amor, pois: "O amor está relacionado à transcedência". Bauman afirma que esta é outra palavra para se referir do impulso criador com todos os riscos que ele comporta. "Como em todo processo criador, não se sabe jamais para onde ele leva nem onde ele se detém". Ele nos lembra que "poucas coisas na vida nos aproximam tanto da morte quanto o amor realizado".

Em vez de aspirarmos às formas mais elevadas de amor, abaixamos os padrões e denominamos nossas relações superficiais "amor". Bauman acredita que uma grande parte do problema é que se ignora a diferença entre amor e cobiça. Para ele "a cobiça é querer consumir, absorver, assimilar, em suma, aniquilar; ela é, essencialmente, uma tendência à destruição e finalmente à autodestruição. Enquanto o amor é aspiração a cuidar, proteger e conservar o objeto de seu amor". O desejo toma, o amor doa. O desejo fecha e destrói, o amor abre e cura.

Todos nós nos movemos sobre gelo fino e quebradiço, e podemos utilizar bem o auxilio de um companheiro fiel. Mas o "até que a que morte nos separe" é também um freio que nos angustia. Não conseguimos nos manter facilmente sobre a fina camada de gelo. Os eternos compromissos limitam a flexibilidade que o futuro exige de nós. Contudo, sem uma ligação incondicional e a prontidão para sacrificar os interesses próprios em benefício do parceiro, um amor verdadeiro é inimaginável. O amor é a primeira vítima de nossa sociedade líquida."



### ZIGMUNT BAUMAN

1925 nascimento na Polônia

1939 fuga com a família para a Rússia

1945 retorno a Varsóvia e início dos estudos de sociologia

1948 posição como cientista na Universidade de Varsóvia

1968 emigração forçada para Israel com outros intelectuais judeus

1972 residência na Inglaterra e cátedra na Universidade de Leeds

1990 professor emérito, publica, desde então, numerosos livros e dá conferências em todo o mundo

### Nota:

As citações deste artigo foram extraídas de *Liefde is het eerste slachtoffer* (O amor é a primeira vítima), entrevista de Zygmunt Bauman para Y. Zonderop, De Volkskrant, 29 de outubro de 2005.



Todas as escrituras sagradas narram um acontecimento de um passado longínquo que é indicado como a "queda". Após um longo desenvolvimento, uma centelha divina tornou-se uma alma vivente que, em colaboração com o

Espírito divino, aprendeu a atuar no sétimo domínio cósmico de maneira criadora. Este é o domínio cuja energia vibratória corresponde à do homem atual. Os seis outros domínios cósmicos possuem uma energia vibratória que se eleva progressivamente e são os campos de desenvolvimento das ondas de vida que precederam a onde de vida humana. Um dia, nossa humanidade, de posse de uma nova veste anímica, evoluirá gloriosamente nesses domínios.

### A LENDA DE NARCISO

A lenda conta que Narciso é o homem que, ao perceber sua imagem divina original refletida nas águas eternas (as forças vitais cósmicas divinas) abandona-se inteiramente a elas e nelas imerge.

Segundo outra interpretação, a alma ligou-se demasiado à forma corpórea magnífica que ela desenvolvera na matéria. Ela se afastou de seu arquétipo espiritual, por isso sua forma luminosa esmaeceu e por fim desapareceu por completo.

Nosso artigo trata da solidão da alma e da personalidade decaídas.

Em qualquer idade e em qual-

quer estágio da vida a personalidade pode sentir solidão. Ela já começa quando o bebê chora e sua mãe diz: "Deixemo-lo chorar um pouquinho; ele se cansará e acabará dormindo", ou então: "Chorar faz bem para o desenvolvimento dos pulmões". Nesse momento o bebê se sente só e abandonado. Por uma razão ou outra ele exige atenção, porém não a obtém. Uma criança cuja mãe lhe dá de tudo, como acontece frequentemente, se sente provavelmente mais segura. Desde a mais tenra idade a criança pode sentir-se muito só, sobretudo quando não é compreendida. Na adolescência ou na idade adulta, o ser humano sempre experimenta esses momentos de solidão. Quantas vezes alguém espera à janela para ver se chegará

Quando começa a solidão da alma e o que ela significa? Há éons a alma original vem conhecendo um grande abandono. A ruptura de sua ligação com o espírito a fez perder seu poder criador. O homem de luz desapareceu por falta de alimento adequado e deixou o microcosmo como que inanimado.

alguma visita!

Esse realmente foi um acontecimento



À esquerda: Configuração, óleo sobre madeira, 1953. Acima: Os doze discípulos, cruz de granito. Moone, Condado de Kildare, Irlanda.

trágico. Quais foram as conseqüências? Apareceu uma personalidade capaz de assumir o lugar do homem de luz original. Essa personalidade, em dado momento psicológico, possui a capacidade de sentir a solidão da alma e de reagir, encetando assim a busca da ligação com o espírito, ligação essa perdida em tempos imemoriais.

No curso de sua evolução, a personalidade que passou a substituir o homem de luz original adquiriu o poder de realizar um trabalho importante. Na verdade, o amor divino não cessa de chamar a alma para que retorne para o espírito. Contudo, como a personalidade terrestre está continuamente voltada para si mesma e a alma se vê presa a ela, é preciso que se comece a romper essa orientação e essa ligação. Após muitas experiências e sofrimentos

### O MISTÉRIO DE PATMOS

Uma única porta se abre para o caminho que leva à Ordem divina, uma só entrada dá acesso aos Mistérios cristãos. Há apenas uma possibilidade de penetrar o mistério do Apocalipse. Patmos é a chave da nova vida. Patmos é uma ilha rochosa, inóspita e melancólica, que na Antigüidade servia de lugar de exílio. Ela é o símbolo magnífico do estado espiritual e material do aluno que amadureceu para essa fase de desenvolvimento.

Patmos exprime o sentimento intenso de desolação, de petrificação experimentada no deserto, no caminho para a vida verdadeira. Patmos traduz a idéia de que o aluno está no mundo, mas já não é do mundo. Patmos representa os poderes e as forças da ordem natural terrestre que se opõem ao peregrino e tentam repeli-lo enquanto ele quer servir o Reino longínquo esforçando-se para consagrar a ele todos os poderes de sua alma.

Todos os peregrinos se encontram em Patmos em razão de sua fidelidade "à Palavra de Deus e ao testemunho de Jesus". Há, na vida de todo peregrino, um momento em que ele se torna um estrangeiro nesta natureza, e esta o considera um inimigo, portanto um criminoso, assim como aconteceu com Jesus, o Senhor. Daí não lhe resta senão Patmos, onde a natureza material, dura como pedra, se revela a ele. Então, semelhante a uma forte onda, a nova vida o subjuga, pois ele não só é "participante da aflição", mas também do Reino longínquo. E nesse instante seu espírito desabrocha como uma rosa magnífica.

(Citação livre de J. van Rijckenborgh)

ligados a isso, a alma, em sua miséria e solidão, clama e busca desesperadamente por uma saída. Só então ela pode se abrir para a força do espírito original. Em lugar de desejar qualquer bem terrestre, ela se orienta para os impulsos que emanam de um campo de vida totalmente diferente. Pelo fato de desejar intensamente encontrar o espírito, a Luz original, ela se engaja num processo de purificação que irá conduzi-la à cura. Então a personalidade começa a seguir a alma no caminho da libertação. Semelhante cooperação faz que ela obtenha a compreensão dessa nova evolução, uma via na qual um engajamento decisivo lhe é exigido: nada querer para si mesma, ou, em outras palavras, fazer o sacrifício total de si mesma.

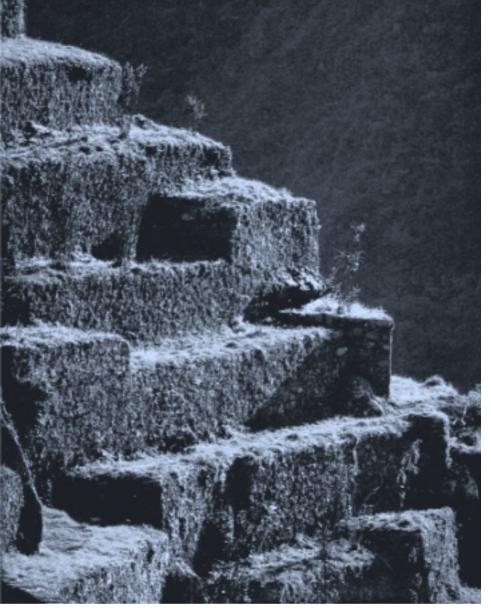
Portanto, quando a alma se dirige para espírito, o ser humano pode realizar uma atitude de vida completamente nova, o que tem conseqüências marcantes. Os corpos sutis do ser humano são irradiados com as forças de nível elevado da alma, o que leva a um aumento constante do discernimento. Por fim, a orientação egocêntrica da

personalidade se desfaz. Uma nova consciência cuja base é a alma atua então de maneira decisiva na vida.

Quando espírito e alma se tornaram um, uma nova criação é liberada dessa colaboração: o homem de luz que sempre existiu e que agora resplandece outra vez. O homem comum, o "velho homem", ainda participa por algum tempo da nova consciência da alma, denominada consciência alma-espírito, mas, por fim, é absorvido completamente pelo novo homem. Poderíamos considerar isso como prêmio pelo sacrifício do velho homem. Hermes denomina essa ligação com o espírito o "prêmio da corrida", a ligação com o espírito! A nova consciência continua a viver no novo homem.

### A LUZ SE RETIRA?

A solidão experimentada pela personalidade que segue esse caminho é de outra natureza. Cada pessoa vivencia esse caminho de maneira totalmente diferente das demais e pode, por isso, sentir-se às vezes



Os sete níveis do terraço em Machu Picchu, "a cidade perdida dos incas", construída para receber a maior quantidade possível de sol. Peru, ca. 1440 d.C.

totalmente solitária. No início desse desenvolvimento, o buscador pode experimentar a alegria de ter finalmente compreendido qual é o objetivo da sua vida e se consagrar por inteiro a essa nova aventura. Contudo, os acontecimentos se precipitam e ele se vê incapaz de prever as conseqüências. Então é possível que ele se oponha e com isso se subtraia às bênçãos da luz, mergulhando de novo na solidão.

No caminho ele é posto à prova. Por exemplo: ele terá a impressão de já não ter gosto para mais nada e desejará reencontrar a luz, percebê-la de novo interiormente. Mas a luz parece terse retirado, e então ele se sente só, abandonado. Ora, trata-se aqui de uma prova: será que ele segue o caminho apenas para sua alegria, para elevar-se pessoalmente, ou conseguirá tudo suportar a fim de libertar a alma de sua prisão terrestre? Caso veja com clareza, dará prioridade à alma e permanecerá fiel ao caminho escolhido inicialmente. Se continuar seu caminho, chegará a uma encruzilhada onde ninguém poderá ajudá-lo. Ele deverá continuar sozinho, o que sente como grande solidão. A tentação de Jesus no deserto, que é o símbolo desse

estado, se apresenta diante do aluno no caminho. Mas aí ele não encontrará apenas a solidão; muitos momentos de alegria e de solidariedade o aguardam. Certamente ele experimentará altos e baixos, e o sentimento de solidão é, sem dúvida, necessário de tempos em tempos, a fim de estimular o desejo de libertação. Ela é simbolizada por Patmos, a ilha da solidão.

Quando João chega a Patmos, tal como narra o primeiro capítulo do Apocalipse, sua peregrinação quase chegou ao fim. Aí lhe aparece o homem de luz original, o filho do espírito e da alma. Após um período interminavelmente longo, o novo homem se manifesta no microcosmo restaurado.



[Deus] fez surgir homens mui iluminados e dotados de nobreza de espírito que, em parte, recuperaram a honra das artes degradadas e imperfeitas para que o homem compreenda, finalmente, sua nobreza e sua majestade e perceba a razão pela qual ele é chamado de microcosmo, e a extensão de sua arte na natureza".

Rijkenborgh, J. v. *O chamado da Fraternidade da Rosacruz* - Fama Fraternitatis R.C. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 2004.

J á se passou um século desde a morte de Henrik Ibsen, e as autoridades norueguesas decidiram que este ano (2005) seria o da celebração nacional e internacional desse dramaturgo de grande renome.

Em muitos trechos de sua obra, Ibsen aborda o tema da liberdade humana, mas seu idealismo envolve um campo bem mais elevado. Ele nos mostra como podemos chegar à nossa libertação pessoal, e como "nos chacoalhar uns aos outros para que esta vida nos revele seus segredos", de acordo com a expressão de James Joyce. Todos os dias as peças de Ibsen são apresentadas em algum lugar dos cinco conti-

"Vocês podem indagar-se

quem, nos tempos atuais,

mundo intelectual do que

Henrik Ibsen."

teve mais influência sobre o

James Joyce

nentes. Mais do que qualquer autor, ele nos encoraja a refletir sobre nossos valores e direitos fundamentais. E os conflitos sociais com os quais ele nos confronta são sempre atuais. Ainda hoje, algumas de suas peças não são leva-

das ao palco e outras são censuradas pelas autoridades porque, na opinião delas, as peças estariam bastante sujeitas a controvérsias ou constituiriam uma ameaça direta à ordem estabelecida. Assim, Joyce escreve: "Vocês podem indagar-se quem, nos tempos atuais, teve mais influência sobre o mundo intelectual do que Henrik Ibsen."

Ibsen escreveu sua obra teatral na segunda metade do século dezenove, paralelamente à corrente teosófica. As novas possibilidades espirituais testemunhadas pela teosofia tocavam, com sua irradiação, todos os que haviam atingido determinado estágio, nos Estados Unidos, na Europa e na India – o que lhes permitia repudiar a antiga sociedade egocêntrica e seguir, com propósito deliberado, o caminho libertador da alma em auto-autoridade. A auto-realização como realização consciente da consciência humano-divina é a fase de desenvolvimento do momento em que o homem moderno se encontra.

Ibsen descreve os dilemas que suscitam a rejeição de um antigo período e a formação de um novo. Ponto principal: começar, primeiro, por já não satisfazer seus desejos egoístas habituais; depois, reencontrar, dentro de si, o homem "feito à imagem de Deus" pois esta é a própria essência do ser interior e constitui a primeira fase desse processo.

O teatro, o palco, era a oficina de trabalho de Ibsen. De 1848 a 1899, ele criou dezenove peças importantes, atingiu um público bem grande e fascinou rapidamen-

> te toda a Europa, começando pela Escandiná-

via. Ele sacudiu fortemente as relações sociais cristalizadas da época e pôs em cena uma nova humanidade, uma potente e verdadeira humanidade, mantendose bem acima dos tímidos compromissos diá-

rios. Ao mesmo tempo, ele criticou radicalmente a mentira, a fraqueza e o oportunismo corrompido da sociedade moderna. Ele tratou das liberdades superiores, das liberdades interiores que estão no campo da alma. Em seu tempo, as estruturas sociais se mantinham por elas mesmas bem mais do que hoje. É por isso que tudo passava pelo crivo de Ibsen: o casamento, a família, a religião - ele não excluía nada.

Em Casa de Bonecas (1879) ele coloca o dedo na ferida de seu tempo: a questão da mulher. "A sociedade moderna não é humana. É uma sociedade masculina. Os adeptos da liberdade que querem melhorar a condição feminina primeiro se informam a respeito da opinião pública. Ou seja: a opinião dos homens de acordo como o status quo – exatamente como se perguntassem aos lobos se estão de acordo com as novas regras que visam à salvação dos carneiros." Ibsen denunciou essa forma de covardia, de falsidade, e se opôs a ela formalmente.

"O que importa é a revolução do espírito humano"

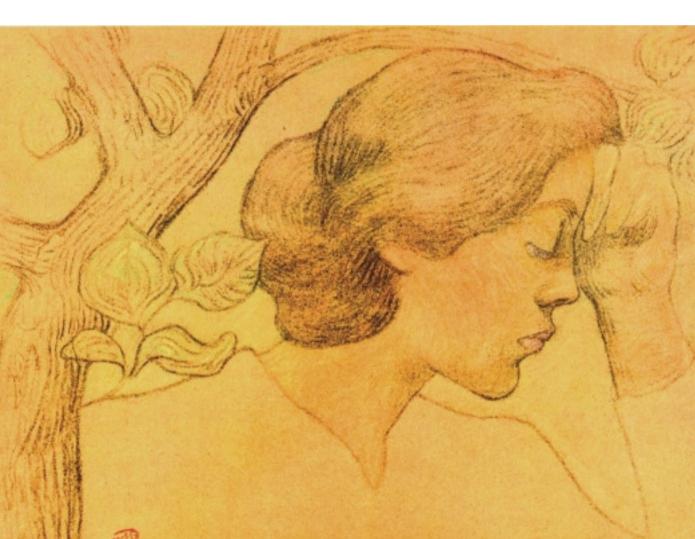
Para Ibsen, a revolução francesa ainda não passara – e ele ainda sentia suas repercussões. "Mas o que isso significa, no fundo?" – essa era uma das perguntas que ele se fazia. No dia da derrota da França pela Alemanha, 20 de setembro de 1870, ele escreveu ao famoso crítico George Brandes: "O que está acontecendo no mundo me faz pensar muito. O velho reino da França foi vencido. Os novos prussianos, esses também serão vencidos, e nós vamos aterrissar de repente na aurora de uma era muito nova. Até agora, vivíamos unicamente das migalhas caídas

da mesa da revolução do século anterior."

E ele afirmou, desencantado: "Os homens querem apenas revoluções especiais, exteriores, etc. Porém, essas são migalhas. O que importa são os valores e as tarefas da existência humana. O que importa é a revolução do espírito humano!"

### Os pilares da sociedade

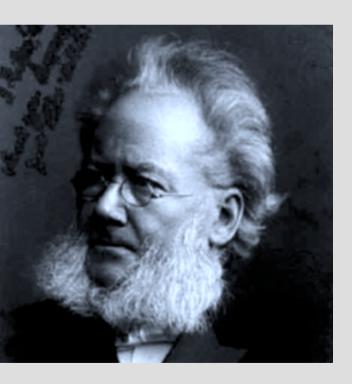
Escândalos e corrupção pertencem ao cotidiano e envenenam tudo. Os "pilares da sociedade" são completamente vitimados pelas tentações por poder, dinheiro e fama. Onde estão os verdadeiros pilares da sociedade? Por toda parte reina um clima de frieza e de indiferença. É preciso chegar a compreender que "o espírito da verdade e o espírito da liberdade são os verdadeiros pilares da sociedade". E de quantas armadilhas o ser humano tem de



se livrar! Ibsen compara a sociedade européia a um navio em bom estado aparente vogando no mar – mas cujos passageiros, inconscientemente, estão tomados de medo. "O que aconteceu a bordo? Por que estão todos cheios de medo? O que paralisou os sentidos e a vontade, o braço e a palavra? Da popa à proa circula secretamente um murmúrio: o navio embarcou um cadáver!"

De fato, nessa sociedade do século dezenove tudo não passa de "falsa aparência, de odor suspeito". Tudo clama a necessidade de uma purificação, em todos os planos e até na esfera espiritual – e o clamor é grande.

Vejam quanto espanto existe nessa afirmação do crítico Alfred Kerr: "O que há de melhor no que inspirou Ibsen nesta época mentirosa é uma aspiração à verdade no domínio artístico; um impulso de vida



Acima: Hendrik Ibsen, 1828-1906.

À esquerda: Cabeça de uma jovem vista de perfil, Aristide Maillol, Paris, 1861-1944, pastel e carvão. para o que há de sério nesta época de grande superficialidade nas artes; a vontade de movimentar-se em um tempo de estagnação; e a coragem de agarrar qualquer material que contenha o humano, venha ele de onde vier!"

### A MISSÃO DE IBSEN

Ibsen sentia-se chamado – o que não quer dizer que ele recebia encorajamento de alguém. No final de sua vida, ele vivia em condições muito modestas e, em 1866, requisitou ao rei da Suécia e da Noruega um sustento financeiro: "Não estou buscando fugir das minhas obrigações e ficar despreocupado. Meu trabalho é aquele para o qual Deus me chamou: a missão de despertar o povo e ensiná-lo a pensar grande."

Em muitas conversas e cartas ele sempre procurava dirigir a atenção para as grandes possibilidades no ser humano. Ele afirmava: "Acredito que não podemos fazer nada diferente ou melhor do que nos realizarmos em espírito e verdade". E isso não tem nada a ver com qualquer tipo de realização em nível horizontal. Esse esforço precisa seguir novos caminhos, e isso ele expressa no poema Pa vidderne (Nas alturas) de 1860. Essa linguagem simbólica mostra que o homem pleno de aspiração deve se livrar de tudo o que geralmente é admitido, apesar de todos os seus laços com seus semelhantes. Essa incitação à liberdade só alcançará sua meta se os obstáculos interiores forem eliminados.

### O período criativo, "Brand"

Quanto mais claramente Ibsen observava a sociedade mais ele se via implicado no processo de autoconhecimento. Sem dúvida, ele descreveu muito da própria alma na peça intitulada "Brand". Nela ele segura o espelho diante do próprio semblante. Ele disse: "Brand sou eu nos meus melhores momentos". Aqui ele presta contas a si mesmo de sua visão de vida nessa época. Em 1865, ele morou na Itália e sentiu repentinamente como encontrara "uma forma forte e clara" para aquilo que tinha a dizer. O conteúdo da peça é perfeitamente claro, embora a crítica não o tenha compreendido bem. Ibsen põe em cena um pastor protestante (Brand), que é a encarnação do novo homem, aquele que quer substituir o miserável deus do dinheiro e dos compromissos, e até mesmo o deus das igrejas, cujo princípio é a libertação do homem físico, pelo grande Deus eterno que mora no imo de todos os seres humanos. É o Deus que irradia através do Universo inteiro a energia e a sabedoria; o Deus à imagem do qual os homens foram criados originalmente e que se manifesta apenas naqueles que renunciam a todo e qualquer egoísmo e baixeza; o Deus cuja

em si mesmo e com outros para, mediante discernimento e nova atitude de vida, abrir um caminho para o superior. Contudo ele fracassa, não apenas por causa da fraqueza e da indiferença de seus semelhantes, mas também pela dureza consigo mesmo e com seus semelhantes. Entretanto, parece que no final da peça ele compreende o que fizera de errado: ele reconhece que Deus não é apenas um Deus de exigências intransigentes, porém também um Deus da graça! Consequentemente, não devemos falar de um deus de determinada igreja, ou da palavra na qual é preciso acreditar para sermos salvos. É o trabalho interior que é determinante. A lei que diz que a natureza terrestre não pode revestir a natureza celeste continua válida. E com isso também a exigência intransigente de que a natureza celeste somente pode ser alcançada mediante a

O caminho do egocentrismo leva à frieza e ao completo isolamento. Pelo contrário, a busca pela verdade, pelo que é divino na criação, leva à comunhão do amor com todos os seres com base na nova alma.

exigência é "tudo ou nada".

O divino só se expande no homem que se entrega sem restrição a essa energia interior. Enquanto ele ainda estiver preso, mesmo que seja minimamente, aos hábitos que mais preza; enquanto ele pensar que sua salvação virá de seus ideais elevados ou de seu *status* social, a porta não se abrirá. É tudo ou nada. Uma atitude como essa desenvolve uma dinâmica incrível: ela faz nascer a tempestade do espírito. E preciso dizer que os limites do pastor Brand (e, portanto, de Ibsen) são evidentes. Pode ser que Brand exija de si mesmo "tudo ou nada", mas ele também o exige dos outros. Algumas vezes ele o exige à maneira do Deus do Antigo Testamento. E, fazendo isso, ele oprime outros à sua volta e também a si mesmo. Brand deveria trabalhar

libertação da natureza terrestre. Mas ele dever ter confiança: a "graça" divina virá em seu auxílio se ele se esforçar por seguir a senda do "tudo ou nada" e se seu antigo eu se submeter ao dever de se tornar interiormente à imagem de Deus. A partir daí, "a graça", as forças divinas, se encarrega do trabalho que não lhe seria possível pelas próprias forças.

### Peer Gynt, o Faust escandinavo

Peer Gynt, o Fausto escandinavo do período pré-romântico, é um aventureiro e um mentiroso que quer subir na vida de qualquer maneira. Seus pensamentos só circulam ao redor de seu próprio ego. Poderíamos dizer que ele é o homem que reage ao chamado da realização do ser divino no

nível de seu eu comum, e busca sua salvação neste mundo. Ele abandona a mulher que ama e tenta a sorte como armador, garimpeiro, cientista e filósofo. Ele é célebre, rico, altamente considerado. Em Alexandria, é coroado "imperador do egocentrismo". Ele vai atrás de seus inúmeros desejos, mas não consegue tornar-se completamente adulto e está sempre buscando a si mesmo. Quando chega a uma idade avançada, cansado da vida, ele faz um balanço, sem piedade. Nesse ponto, Ibsen escolhe uma simbologia magnífica: o velho Peer Gynt está em cena e está descascando uma cebola; a cada camada que ele tira vai passando um dos personagens cujo papel ele desempenhou em sua vida. Mas uma cebola não tem caroço nem semente, e, portanto, ele não encontra nada disso. E ele declara: "Uma alma pode se achar indizivelmente pobre na névoa do nada. Terra magnífica, não fique irritada se eu percorri suas pradarias completamente perdido. Sol esplêndido, esbanjei sua luz radiosa em uma casa vazia. Não há ninguém dentro dela. O proprietário, assim me disseram, nunca esteve nela."

Nessa hora, Ibsen coloca em cena um homem talentoso, mas que no fim fracassa, pois empregou inutilmente sua vitalidade, desperdiçou suas oportunidades. Essa é uma ocasião extremamente estimulante para o espectador; ele pode comprovar o nada para o qual o egocentrismo conduz e entrever, através desse nada, pelo menos a possibilidade de uma existência em um plano mais elevado. Nesse momento ele também pode aprender que a tentativa de buscar a realização de sua verdadeira natureza no plano terrestre só o levará ao vazio. O ser divino só crescerá quando o ser terrestre diminuir.

"Quando despertarmos dentre os mortos"

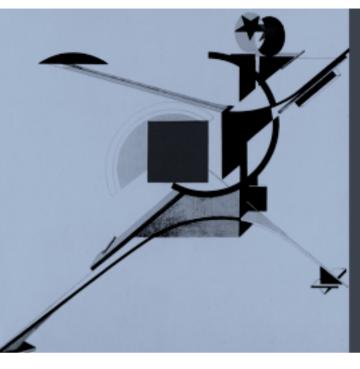
Essa última peça (1899), foi escrita por

Ibsen seis anos antes de sua morte. Tratase de um escultor que alcançou o sucesso e que, apesar disso, não é feliz. Como o próprio Ibsen, depois de muitos anos, ele voltou para a Noruega, seu país natal. Uma de suas esculturas tem o nome de: "Luto por uma vida desperdiçada". Quando ele volta, aparece seu amor de juventude, que lhe estende o espelho da verdade. E o que ele vê nesse espelho? Ele destruiu sua vida e a de outras pessoas, sacrificando-as à força, com suas ambições desenfreadas. Ele negou seus ideais de outrora e abandonou o amor de sua juventude.

O que Ibsen quer dizer com isso? Que o egoísmo é difícil de reconhecer. Mas, se "nós, os mortos, despertarmos interiormente", veremos o que negligenciamos. Veremos que, até agora, não vivemos: estávamos como que mortos, e essa visão pode nos levar a uma nova vida. O caminho do egocentrismo leva à frieza e ao completo isolamento. Pelo contrário, a busca pela verdade, pelo que é divino na criação, leva à comunhão do amor com todos os seres com base na nova alma.

FONTE:

Ibsen, H. *Obras completas*, 1909 Berlin, Hg. Elias J. & Koht H.



# Erudição ou sabedoria verdadeira?

Há uma diferença grande e intransponível entre os conceitos "erudição" e "sabedoria". Para os buscadores que estão no caminho da espiritualidade é importante compreender que a sabedoria divina jamais será o mesmo que a erudição que se pode obter pela reunião de informações.

Quem examinar seriamente descobrirá que a filosofia universal faz uma grande diferença entre "sabedoria" e "inteligência". Não porque a sabedoria seja tudo e a inteligência, nada; mas elas são descritas como duas qualidades ou capacidades diferentes. O Criador conferiu ao homem sabedoria e inteligência. O Todo-Poderoso ligou o homem original à onisciência. E para que pudesse reagir à onisciência, o ser humano recebeu a faculdade da inteligência.

Essa faculdade transformou a sabedoria, de forma que o homem a pudesse manter. A memória humana funcionou como um acumulador, no qual a onisciência pode ser armazenada. Na memória encontravam-se os centros da razão e da ação e também das funções sensoriais puras.

Portanto, o homem podia considerar sobre a sabedoria recebida e experimen-

tada pelos sentidos, para, em seguida, tomar uma decisão para agir de acordo com a razão. Isso significava viver de modo perfeitamente responsável. E nesse sentido podemos interpretar a expressão "o primeiro homem estava ligado a Deus por uma obediência deliberada e caminhava pela mão de Deus". Ele reagia espontânea e inteligentemente à onisciência de Deus. O homem era, assim, um "Deus de Deus, Filho do Pai, perfeito como seu Pai no céu é perfeito". Havia exclusivamente crescimento, revelação, como uma nebulosa que eventualmente se desenvolve em grupos de estrelas, simbolizados no zodíaco.

Acima: O novo homem, esboço construtivista de El Lissitsky, Moscou, 1913.

À direita: A árvore da Vida, Gustav Klimt. Têmpera e grafite sobre papel. Viena, 1905-1909.





A CAUSA DE MUITOS SOFRIMENTOS

Quando falamos a respeito de "bom senso", o que devemos compreender é evidente. O Criador deu à pré-humanidade sabedoria e bom senso. E aí descobrimos uma das mais profundas causas dos sofrimentos humanos, pois há muitíssimo tempo o homem perdeu todo o bom senso. Ele está seriamente doente e desorganizado. O santuário da cabeça está desnaturado e o pensamento racional desta natureza tornou-se uma terrível caricatura da glória passada. Esses fatos, que podem ser confirmados na prática, criaram uma situação extremamente confusa e inquietante. Nós nos damos conta daquilo que o apóstolo Tiago desejava dizer quando indagava: "Mas quem é sábio e inteligente entre nós?" (Tiago 3:13) Eis aí a terrível conclusão: ninguém é sábio e inteligente!

Retrato de Jan van Rijckenborgh, 1896-1968.

No mundo dialético, ninguém dispõe de uma faculdade de inteligência saudável. Conseqüentemente, ninguém está ligado com a onisciência. A recomendação de "caminhar pela mão do Senhor" é uma história doce, porém perigosa. Nesse sentido, as palavras de Iesus são muito atuais: "Ninguém é bom, senão só um, que é Deus" (Lucas 18:19). A fim de nos aprofundar nesse problema, digamos que há diferentes tipos humanos. O primeiro tipo é o homem culto, que há tempos se ocupa em desenvolver sua faculdade de inteligência. Ora, no estado de queda da sabedoria na terra, a faculdade de inteligência depende sempre dos estímulos exteriores. Como a influência do Logos já não se faz sentir, e

como falta o poder daquilo que chamamos cundalini, as normas, hipóteses, cultura e religião ou outras especulações afetivas substituíram o saber absoluto. Assim, o bom senso viu-se constrangido e forçado em determinada direção.

O sangue transmite esse fato de geração em geração.

Os estímulos exteriores repetitivos e monótonos ligados ao correspondente impulso interior do sangue transformaram o ser humano no ser intelectual que ele é agora ou no qual se tornará. A inteligência da criança já é determinada por um plano educativo protegido por lei. A experiência mostra, entretanto, que também o homem é ou será extremamente infeliz. Ele está continuamente na busca por uma felicidade que sempre lhe escapa. Enquanto isso eles causam um dano incalculável para si mesmos e para seus filhos: um dano que se manifesta, por fim, até mesmo em sua estrutura orgânica.

Consultando a Bíblia, vemos que Satã – um dos filhos de Deus (Jó, I:6) é o diabo na interpretação exotérica e o dragão no sentido pejorativo e infernal desse termo. Mas, de acordo com a Cabala, Samael, ou Satã, é idêntico a Micael, ou Miguel, vencedor do dragão. Como se pode explicar isso? [...] Esses dois vocábulos vêm das palavras hebraicas ruach (espírito), neshamah (alma), e nephesh (vida). No Livro caldeu dos números, Samael é a sabedoria oculta e Micael é a sabedoria terrestre superior; os dois emanam da mesma fonte, mas, após seu aparecimento, se separam da alma do mundo, que, na terra é mahat (a compreensão intelectual) ou manas (a sede do intelecto). Eles se separam porque um deles (Micael) está sob a influência de neshamah, enquanto o outro (Samael) não é influenciável.

A igreja dogmática mutilou esse ensinamento porque abominava seu espírito independente que não se deixava influenciar pela forma exterior (portanto, pelos homens). Ela transformou Samael-Satã, o espírito mais sábio e espiritual de todos, em Satanás, o opositor de seus deus antropomorfo e também do homem material e sensorial-orgânico!

Assim, quando a igreja amaldiçoou Satanás, ela amaldiçoou o reflexo cósmico de Deus; ela proferiu um anátema sobre Deus que se manifesta na matéria e no objetivo; ela amaldiçoou Deus, a sabedoria sempre incompreensível, que se manifesta na natureza como luz e sombra, bem e mal, portanto na única forma em que ela pode ser compreendida pelo intelecto limitado do homem.

Essa é a verdadeira interpretação filosófica e metafísica do opositor (Samael ou Satanás), na Cabala. Encontramos o mesmo ensinamento e o mesmo espírito nas interpretações alegóricas de todas as outras religiões antigas.

A Doutrina Secreta, Helena Blavatsky

### As conseqüências no físico

Cada órgão do corpo humano é santificado ou condenado de acordo com o objetivo com que é usado. A intelectualidade desenvolvida exageradamente torna impossível a assimilação da sabedoria maior. Os órgãos apropriados do cérebro, que permitem essa assimilação, funcionam em uma condição inquietante. Uma formação intelectual desse tipo só pode seguir até certo ponto, além do qual surgem ou estagnação ou dano.

Um outro tipo humano é o das pessoas de pouco entendimento. Suas capacidades mentais, por diversas razões, continuam abaixo de certo nível. A ciência esotérica chama esse estado de "consciência cerebral lunar". As pessoas desse tipo são sensíveis aos contatos com o abstrato, mas não podem nem compreender nem assimilar os impulsos de natureza universal. Elas são profundamente atraídas para o que é mis-

terioso e oculto, e se perdem facilmente no misticismo. Por outro lado, elas quase sempre invejam os temperamentos intelectuais que se destacam na sociedade. Essa inveja geralmente se expressa sob a forma de um desejo de sucesso rápido, ou de uma vontade de ganhar mais para si mesmas ou para seus filhos. A luta de classes está estreitamente ligada a isso.

Além desses dois tipos humanos, existem ainda inúmeras subdivisões que, sem exceção, são desprovidas de compreensão saudável.

Se examinamos esse problema mais de perto, torna-se claro que o ser humano possui três centros importantes. Em nossa filosofia, nós os denominamos: santuário da cabeça, santuário do coração e santuário pélvico ou santuário da bacia. No homem atual, esses três núcleos já não estão em harmonia. O intelecto e o sentimento, por exemplo, podem cooperar, enquanto a ação permanece distante. Ou

então o cérebro volta-se para a ação sem se ocupar dos sentimentos. Ou a ação e os sentimentos estão sintonizados e o intelecto não desempenha um papel significativo. Na psicologia moderna encontramos inúmeros exemplos que ilustram esse antigo ensinamento.

### A TEOFANIA

Qualquer pessoa que se sinta como se estivesse em uma descida escorregadia começará a pensar que é preciso urgentemente mudar a direção de sua vida e vai se indagar como deve fazer isso. Isso é possível: basta operar uma mudança completa e se empenhar no processo de transfiguração. Não se trata de uma cultura da personalidade, mas de uma re-criação do inteiro microcosmo. Para evitar qualquer tipo de mal entendido, não vamos falar a respeito de "renascimento", pois esse conceito pode suscitar enganos, êxtases místicos, confusão ou morosidade - e, para muita gente esse conceito leva a uma conversão de forma religiosa natural, seguida de uma espécie de obumbramento causada por forças incontroláveis. Os antigos indicavam a ciência da transfiguração como "teofania", uma nova manifestação do homem divino. As tradições mais antigas dizem que nesse momento Jesus aparece visivelmente no mundo; em seguida, é dito que o Espírito Santo mostra-se a Jesus. Ao pé da letra, "teofania" significa a manifestação perceptível da divindade.

Essa ciência é tão vasta, tão grandiosa e ao mesmo tempo tão complexa que é impossível avaliá-la em sua totalidade. De fato, cada processo de transfiguração deve começar com um ataque profundo à arrogante inteligência humana, pois a inteligência atual é o principal fator que se opõe ao surgimento do homem divino. A doutrina universal explica a cada candidato que seu cérebro (o órgão de sua natureza organosensorial) é o maior inimigo da sabedoria universal. Pouco importa se a pessoa tem um preparo intelectual ou não: no plano da natureza, todo e qualquer método de cultura do poder mental é perigoso, sem exceção, e seu resultado é sempre negativo. Uma inteligência sadia: é isso o que a transfiguração tem como meta. Porém isso é

### Cundalini

Literalmente esse termo sânscrito significa "enrolado" ou "enrolado como uma serpente". Muitas outras traduções sublinham essa semelhança com a serpente – daí vem a palavra fogo serpentino ou força da serpente. A representação de duas serpentes enlaçadas, formando o caduceu, simboliza esta força da cundalini: o poder da força que segue em linha tortuosa. É o princípio universal de vida que se manifesta em tudo e por toda parte na natureza, sob a forma de duas grandes forças: uma, de atração; outra, de repulsão – uma adaptação contínua das relações exteriores às interiores.

Acontece que, se o desejo modifica o estado interior, uma potente energia é liberada no coração, que é o centro espiritual – uma energia que nossa filosofia qualifica de cundalini do coração.

A força da cundalini constitui o fundamento da transfiguração. No começo da edificação da alma, essa energia vai impregnando sucessivamente todos os órgãos e fluidos até o momento em que ela acaba atingindo o santuário da cabeça, onde surge, então, um núcleo espiritual orientado de forma totalmente nova: é o templo da sabedoria no ser humano, o templo da rosa áurea. Apenas um esforço puramente altruísta que tenha em vista a nova vida pode ativar a energia da cundalini do coração. Qualquer outra forma de trabalho com a cundalini tem o risco de ser perigosa.

impossível no contexto da dualidade, e daí surge a pergunta embaraçante: Como escapar das conseqüências dessa situação? A resposta é, mais uma vez: "o socorro chega ao mesmo tempo em que o homem divino reaparece".

Como a constituição biológica, moral e espiritual do homem impede essa nova manifestação, esse novo nascimento é impossível. Ao homem natural falta tudo o que é necessário para realizá-lo. Por isso o homem necessita de um novo martelo e uma nova palavra: ele deve ser um francomaçom legítimo. Para fazer isso, cada um de nós precisará de ajuda, de um intercessor, da mão estendida de Deus, sem a qual nada podemos. Ora, o homem perdido recebe essa ajuda da forca denominada "Cristo". Não estamos falando do Cristo histórico, teológico, mas sim da força que, em seu incomensurável amor, desce ao mundo para salvar os seres humanos.

### Um novo martelo e uma nova palavra

Se o construtor quiser realizar sua obra sem ver seus esforços desperdiçados, ele deve adquirir um novo martelo e uma nova palavra. Ou seja: ele precisa alcançar a força que o Logos lhe confere. Quando, após 120 anos, o corpo de Cristiano Rosacruz é descoberto em perfeito estado em seu túmulo, vê-se a gravação sobre a placa de bronze que fechava sua tumba, onde havia a seguinte inscrição: "Jesus é tudo para mim". Insistimos mais uma vez: isso não tem nada a ver com um suposto Jesus que nasceu há dois mil anos. Trata-se da mão estendida de Deus, que nos impulsiona e nos conduz à transfiguração.

Se quisermos compreender algo desse processo de salvação com a inteligência, então a ciência da libertação vem em nosso auxílio. No cérebro existem sete cavidades ou ventrículos. Quando um candidato sério inicia o caminho da libertação na força de Cristo, essa força divina mediatriz entra em contato com as sete cavidades cerebrais. Trata-se da efusão do Espírito Santo Sétuplo, ou do "som das sete harmonias divinas". No momento em que as sete cavidades cerebrais são assim estimuladas, e o processo da transfiguração é apoiado pela força do sangue, essas cavidades se enchem de energia libertadora. Ao mesmo tempo, o cerebelo e a maravilhosa medula adquirem um novo poder, que permite um intercâmbio mental espiritual entre o homem e o Criador.

O antigo *Livro caldeu dos números* fala sobre isso quando conta a ligação de Samael – o hierofante do mistério oculto – e de Micael – a sabedoria terrestre superior. É somente depois dessa efusão sétupla do Espírito Santo que poderemos qualificar o candidato como "pensador", ou "Manas", ou "mahatma". A partir de então, inicia-se o processo de transfiguração.

Sem a inteligência que conhece a sabedoria ninguém poderá percorrer sequer um centímetro na senda da iluminação.

J. van Rijckenborgh



O pensador, Auguste Rodin. Escultura em bronze. Paris, 1880.



O mistério DA VIDA E DA MORTE I. van Rijchenborgh

O que é a vida? O que é a morte? Este livro esclarece sobre como parte da humanidade original se apartou das leis divinas e ingressou no mundo do tempo e do espaço.



### Não há espaço vazio J. nan Räickenborgh

Neste livro é apresentado um quadro do cosmo, macrocosmo e microcosmo. Com base em uma mudança de atitude, a conquista do espaço pode ser iniciada internamente, no núcleo do microcosmo, o coração de cada ser humano.

### O Nuctemeron de Apolônio de Tiana

J. van Rijckenborgh Neste livro, J. van Rijckenborgh nos oferece a rara oportunidade de vislumbrar esse conhecimento arcano, compreendê-lo e torná-lo pedra fundamental de nossas vidas.



### Algumas palayras DO MAIS PROFUNDO DO SER

Karl von Eckartsbassen Após haver descrito as fraquezas que causam a infelicidade do homem. o autor evoca as possibilidades que

permitem vencê-las.



### SÉRIE CRISTAL



### Do castigo DA ALMA

As lições contidas neste livro marcam com o fogo da sabedoria hermética as almas anelantes.



### Os animais dos MISTÉRIOS

Este livro instiga o leitor a decifrar dentro de si mesmo vários símbolos transmitidos pela Doutrina Universal.



### O CONHECIMENTO QUE ILUMINA

Dois evangelhos apócrifos: O evangelho da verdade e O evangelho de Maria, comentados em linguagem atual.



### O LIVRO SECRETO de João

O evangelho apócrifo de João. Um dos evangelhos achados em Nag Hammadi, que revela uma visão gnóstica do cristianismo.



### EDITORA ROSACRUZ

Caixa Postal 39 - 13 240 000 - Jarinu - SP - Brasil Tel (11) 4016.1817 - fax 4016.5638 - info@editorarosacruz.com.br

# www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.



### A Gnosis original EGÍPCIA

J. van Rijchenborgh

Hermes Trismegisto revelou o conhecimento sobre a Gnosis em textos como o Corpus Hermeticum e a Tabula Smaragdina. J. van Rijckenborgh, nos quatro tomos da Gnosis original egípcia, torna acessível esse conhecimento hermético.



### O Verbo Vivente

Catharose de Petri Os quarenta e seis capítulos deste livro certamente serão uma fonte inexaurível de força, um verdadeiro Verbo Vivente para cada buscador que anseia pela libertação da alma.

### A Gnosis Chinesa

J. san Rijokenbergh

O Tao Te King comentado em liguagem atual. Segundo a tradição, o Tao é transmitido a "quem está na fronteira", preparado para escutar a revelação do caminho de retorno ao estado de ser do homem original.



### O Livro de Mirdad

Mikail Nainy

Um farol e um refúgio, para todos os que, no mar da vida, estão à procura de um porto seguro. Livro de sabedoria universal escrito por Mikail Naiky, um amigo de Kalhil Gibran.





### O CHAMADO da Fraternidade Rosacruz

J. nan Rijckenborgh

Análise da Fama Fraternitatis, considerada o primeiro documento a declarar publicamente a existência da Rosacruz clássica.



### Filosofia ELEMENTAR DA Rosacruz moderna

J. nen Rijckenbergh

Este livro mostra o que de substancial acontece quando o homem deseja realmente a libertação.

### O mistério INICIÁTICO CRISTÃO: DEI GLORIA INTACTA J. van Rijokenburgh

O sentido esotérico das sete cartas do Apocalipse de João é esclarecido neste livro segundo a visão da Rosacruz moderna.



### No caminho do Santo Graal

Antonia Gadal

Este romance medieval, ao descrever o rito de iniciação cátara, leva o leitor a buscar o Santo Graal.



